

HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Coordenação
MANUEL BRAGA DA CRUZ

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA

HISTÓRIA
DA
UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

Título História da Universidade Católica Portuguesa
Coordenador Manuel Braga da Cruz
Coleção Vária

© Universidade Católica Editora

Revisão Editorial António Brás
Capa Ana Luísa Bolsa | 4 ELEMENTOS
Conceção gráfica Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.
Depósito Legal 446533/18
Data outubro 2018
Tiragem 750 exemplares

ISBN 9789725406229

Universidade Católica Editora
Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Tel. (351) 217 214 020 | Fax. (351) 217 214 029
uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt



HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
História da Universidade Católica Portuguesa / coord. [de] Manuel Braga da Cruz. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2018. – 768 p. ; 24 cm. – (Varia). – ISBN 9789725406229
I – CRUZ, Manuel Braga da, coord. II – Col.
CDU 378.4(469) Univ. Cat. Port. (091)

HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Coordenação
MANUEL BRAGA DA CRUZ

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA
LISBOA 2018

Capítulo 14

A Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais

João César das Neves

A Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais nasceu em 1989, quando ainda havia um muro em Berlim e não existiam telemóveis. Para muitos, porém, a história começa ainda mais cedo, nos inícios da década de 1970, com o surgimento das duas licenciaturas emblemáticas de Economia e Gestão, numa época em que se vivia sem fotocópias e a televisão era a preto e branco. A história desse primeiro período compete a outro capítulo deste livro, mas ela vai estar também presente nestas páginas, como não podia deixar de ser¹.

I. Evolução Geral da faculdade

A FCEE nasceu em setembro de 1989², por divisão da anterior Faculdade de Ciências Humanas em duas novas escolas, de Direito e de Ciências

¹ Na elaboração desta breve nota histórica recebi a ajuda de muita gente que merece ficar aqui referida. Os dados para os quadros foram fornecidos por Luísa Pitta da Reitoria, Fátima Silva, Sara Dias da Silva e Elisa Lopes da Direção da Faculdade, Laura Pedro dos Serviços Escolares, Ana Ferrão do mestrado em Direito e Gestão, Catarina Simão do Gabinete de Marketing, Custódia Rebelo do MBA, Sónia Gonçalves do MIF, Sofia Pereira e Alexandra Correia do CEA, Débora Porém do CUBE, Anabela Carvalho da Formação de Executivos, Camila Botelho (150113176) presidente da Associação de Estudantes, Rosário Lucas (152/73G) e Leonor Festas (750/77G) do Gabinete do Antigo Aluno. Além disso beneficiei muito de conversas e contributos de muitos como Francisco Veloso, Ana Canhoto (121/73E), Guilherme Almeida Brito (85/78G), Fernando Machado (41/78E e 218/78G), José Corrêa Guedes (496/76E), Leonor Modesto (331/75E), Miguel Athayde Marques (108/72G), Helie de Chantérac, Sofia Pereira (97/85G) e também Alberto Lago da Silva, Ana Duarte Ribeiro, Joana Santos Silva, Sónia Gonçalves, Filipa Cristóvão, Catarina Paiva e Laura Pedro. Agradeço ainda a leitura e comentários a versões prévias de vários dos nomes já referidos e ainda de Fátima Barros (171/80E), Luís Cardoso (514/76G), Pedro Oliveira, Manuel Leite Monteiro (192/80E) e João Borges de Assunção (32/79G), José Filipe Rafael (73/79E) e o padre João Seabra.

² A sua criação foi estabelecida pelo *Decretum* n. 1380/89/6 da *Congregatio de Institutione Catholica* (*De Seminariis atque Studiorum Institutis*) de 20 de setembro de 1989, e aprovada pelo Estado

Económicas e Empresariais. Estruturalmente, a FCEE surgia com a mesma natureza que o ensino destas ciências tinham tido na Universidade desde o início. Permaneciam apenas duas licenciaturas, em Economia e Administração e Gestão de Empresas, que funcionavam desde o ano letivo de 1972/1973, tendo então já produzido mais de 1500 licenciados. Assim, todas as novidades letivas neste campo, como mestrados ou cursos para executivos, haveriam de surgir apenas na nova faculdade.

Apesar da manutenção da presença académica, muito mudara nesses primeiros 17 anos. Quando a Universidade Católica começara o ensino destas ciências trouxera elementos muito inovadores. A licenciatura em Administração e Gestão de Empresas não só era a primeira no País, mas utilizava métodos originais de lecionação, como casos de estudo e outras técnicas inspiradas em escolas norte-americanas. No curso de Economia, mais tradicional em Portugal, a novidade era tão ou mais revolucionária. Nos inícios da década de 1970 o ensino superior de Economia, que antes seguira uma orientação corporativista, própria do regime, estava crescentemente dominado pela ideologia marxista, que foi quase exclusiva após 1974. Lançar em 1972 um curso baseado em teoria económica dava à Católica um virtual monopólio. Essas orientações foram mantidas e aprofundadas desde então mas, felizmente, as outras universidades nacionais adotaram linhas semelhantes, de modo que em 1989, mantendo ainda uma posição de liderança, ela já não sofria do isolamento original, num mercado cada vez mais competitivo.

Quase coincidente com o nascimento da nova escola vinha um projeto que absorveria grande parte das energias do seu primeiro diretor, o professor Valentim Xavier Pintado: a implantação de um novo edifício. Pensado originalmente como uma pequena unidade, destinada exclusivamente à nascente pós-graduação, acabou totalmente reformulada, albergando a Faculdade inteira, onde ainda hoje se localiza. Esta grande obra teve a autoria do arquiteto Luís Cunha, sob a direção técnica do Engenheiro Luís Guimarães Lobato. Para ela a Faculdade beneficiou muito do apoio de fundos europeus, em particular do PRODEP/PEDIP, e também da contribuição de várias empresas, cujos nomes ficaram inscritos no grande átrio de entrada.

Quando em 1994 se realizou a mudança de instalações, já se tinham verificado duas outras transformações importantes, que aumentaram pela primeira vez o catálogo de programas. Em 1991 abriu o *Master in Business Administration* (MBA), que se tornaria num dos cursos emblemáticos da nova Faculdade. Para

português pelo Despacho n.º 145/ME/89, de 24 de agosto de 1989, assinado pelo Ministro da Educação Roberto Carneiro.

esse efeito foi criada a Escola de Pós-Graduação, que acomodava as novas exigências deste ensino avançado. Logo no ano seguinte, a FCEE lançou-se no mercado de cursos de pós-graduação para executivos, ministrando formações para profissionais de curta duração, sem grau. Embora tivessem existido experiências pontuais anteriores, foi a contratação de Luís Cardoso (antigo aluno n.º 514/76G) para organizar esse ensino pós-graduado que se revelou decisiva. O projeto começado em 1992 tornar-se-ia uma das áreas com mais relevância, influência e dimensão dentro da Faculdade.

No mercado cada vez mais exigente e competitivo, a escola sabia que não podia descansar sobre os louros. Logo em 1994 realizava o primeiro relatório de autoavaliação, marco importante na condução estratégica, que seria sucessivamente repetido. Esse exame confirmou uma opção antiga que, pelas suas profundas consequências, merece aqui ser referida: a omissão de programas próprios de doutoramento. Em alternativa, a FCEE enviava os seus graduados para as grandes escolas internacionais, obtendo aí uma formação ao melhor nível mundial. Se esta escolha afetou o desenvolvimento de estudos avançados dentro da Faculdade, pela quase ausência de doutorandos, permitiu receber no País, desde o início da década de 1980, um fluxo crescente de antigos licenciados já doutorados em universidades de topo. Muitos deles seriam futuros professores, mas todos deixaram marca indelével no desenvolvimento, não só da Faculdade, mas do País.

Importante salto qualitativo deu-se em 1996, quando o Mag. Reitor Manuel Isidro Alves arriscou o convite de um desses antigos alunos para diretor da Faculdade. O professor João Borges de Assunção (32/79G), doutorado na UCLA, junto com o seu diretor-adjunto Miguel Gouveia (123/79E), doutorado na *University of Rochester*, imprimiram uma dinâmica nova à Faculdade. Reforçando o uso interno de métodos e critérios de topo, em particular americanos, a nova Direção apostou abertamente numa universidade centrada na investigação científica e na concorrência internacional. Peça central dessa estratégia foram as “Regras para os Concursos a Professores Extraordinários e Ordinários”, homologadas pela Reitoria a 20 de junho de 1997, que completava o “Regulamento dos Concursos de Recrutamento de Professores Ordinários e Extraordinários”, aprovado pelo Despacho reitoral NR 80/96, de 6 de junho de 1996. Graças a estes diplomas começaram os processos normais de promoção na carreira académica da Faculdade. Foi criado um júri internacional de professores para decidir o primeiro concurso de promoção a professor extraordinário (associado), realizado em março de 1998 e, cumpridos os prazos pelos candidatos, o primeiro concurso para professor ordinário (catedrático) em outubro de 2004.

Este novo rumo pôs em destaque os contrastes entre os dois polos da Faculdade. Ela estava formalmente dividida desde 1978 nas unidades de Lisboa e Porto, mas pode dizer-se que elas sempre funcionaram como entidades distintas e separadas, sem significativas colaborações e sinergias. Foi com alguma naturalidade que em março de 2001 se deu a separação do Porto, com a criação da Faculdade de Economia e Gestão.

Em agosto de 2004 verificou-se a contratação do primeiro professor de carreira não português: Kyril Lakishyk, de nacionalidade ucraniana, especialista em Marketing e graduado na Washington University. Este era o resultado da opção da Faculdade de começar a contratar professores em início de carreira no mercado global. A partir de então a internacionalização do corpo docente realizou-se aceleradamente.

Na mesma altura foi apresentado o relatório de uma primeira comissão internacional de avaliação. Apostada numa presença global, a FCEE pediu a três reputados professores estrangeiros³ que realizassem uma análise *ad hoc* e informal, mas séria e exigente, dos seus procedimentos. O “*Report of the International Peer-review Committee to the Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica Portuguesa*”, apresentado em agosto de 2004, tinha um objetivo muito concreto: a preparação do processo de acreditação internacional da escola. Afirmar-se, de forma sólida, fora das fronteiras implicava a aceitação da FCEE pelas grandes agências de avaliação universitária. De forma algo arrojada, a Faculdade decidiu apostar numa candidatura simultânea às três grandes: a americana AACSB, a europeia EQUIS e a AMBA, específica para MBA. A equipa que preparou as candidaturas, chefiada pelo professor José Corrêa Guedes (496/76E), teve um grande êxito, conseguindo a aceitação pelas três agências em junho de 2006 (AMBA) e em junho (EQUIS) e dezembro de 2007 (AACSB). Desta forma a FCEE obteve a *Tripple Crown Accreditation*, galardão que poucas escolas mundiais detêm, e de que foi pioneira em Portugal.

Entretanto, em 2005 fora criado o Conselho Estratégico, formado por mais de 20 gestores de topo das maiores empresas portuguesas, e que se tornou um decisivo órgão de reflexão e consulta para a Direção da Faculdade. Nesse ano a mesma experiência foi alargada aos cursos de executivos, com a criação do Conselho Estratégico para essa formação e, no ano seguinte, também no *Master in Finance*.

³ Barbara Kahn da Wharton School da University of Pennsylvania, David Backus da Stern School da New York University, e Andreu Mas-Colell da Universitat Pompeu Fabra em Barcelona.

A adoção das linhas de orientação da Declaração de Bolonha aconteceu apenas a partir do ano letivo 2007–2008. Esse documento, que fora assinado pelos ministros da educação europeus em 19 de junho de 1999, implicava alterações profundas no funcionamento das escolas, abrindo a educação superior ao mercado único europeu. A prudência recomendava à universidade portuguesa um adequado período de maturação para permitir uma transição serena e eficaz. Os cursos de licenciatura passaram a ter de apenas 3 anos, começando então os graus de segundo ciclo, os *Masters of Science*.

Estes novos cursos estão na origem de algumas das evoluções mais significativas da escola. Os novos mestrados, com *curricula* inovadores, lecionados exclusivamente em inglês, orientados para o mercado internacional, incluindo obrigatoriamente estágios e permitindo a realização de graduação dupla (*double degrees*) com reputadas escolas estrangeiras, trouxeram grande dinamismo à Faculdade. Graças à elevada retenção de alunos do primeiro ciclo e à entrada de muitos candidatos para realizar o segundo ciclo vindos de outras escolas, algumas até alheias às ciências empresariais e muitas estrangeiras, o resultado da reforma foi um aumento muito significativo do número e variedade dos estudantes.

Nesse mesmo ano o MBA passou a ser Católica/Nova, combinando os programas da FCEE com o da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa. O grande atrativo era a possibilidade de ligação com uma das mais reputadas escolas mundiais. Esta aposta de colaboração com a maior concorrente no mercado português e um parceiro externo foi audaciosa, mas marcou uma orientação claramente dirigida à cena mundial. A partir de 2009, o plano concretizou-se e, contando também com a participação do americano *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), o curso passaria a chamar-se *The Lisbon MBA*. É importante referir que este programa contou desde a primeira hora com o apoio de vários mecenas, em que se contam algumas das maiores empresas portuguesas. Tendo acreditado na qualidade e interesse do mestrado, deram uma ajuda financeira que se revelou decisiva para o seu sucesso.

Entretanto, para conseguir lidar com a crescente complexidade e internacionalização da escola, a Faculdade foi conseguindo uma relativa autonomia financeira e académica face à Universidade. São aqui de referir os sucessivos acordos de *governance* entre as direções da Faculdade e a Reitoria, tal como seja a criação de um fundo autónomo no seio da Fundação da Universidade para apoiar a investigação na FCEE.

Outro sinal da mesma linha viu-se ainda nesse ano de 2007, com a entrada da escola nos *rankings* do *Financial Times*, a primeira escola portuguesa a consegui-lo. A posição inicial de 42.^a para a formação de executivos no mundo,

19.^a na Europa, haveria de ser significativamente melhorada nos anos seguintes, como se pode ver no quadro 1 do anexo IV. Entretanto, continuava a inovação académica. A criação do primeiro programa de doutoramento na Faculdade, o *double-degree PhD Program in Technological Change and Entrepreneurship*, conjunto com a Carnegie-Mellon University e o Instituto Superior Técnico, constitui uma proposta original neste campo. Em 2008 o *Chartered Financial Analyst Institute* (CFA) elegeu a Faculdade como o seu primeiro “*university program partner*” em Portugal. Este facto formalizou uma colaboração que já se vinha desenvolvendo desde 2006, com a criação do *Master in Finance* (MIF), um mestrado especializado em finanças para alunos em *part-time*.

Entretanto, a Faculdade dava outros passos importantes. A 4 de fevereiro de 2010 foi aprovado no Conselho Científico o *Code of Academic Integrity*, que passou a definir as regras de conduta de alunos e professores, com procedimentos para lidar com violações éticas. O mesmo Conselho adotaria, na sua reunião de 21 de outubro, a mudança de nome da FCEE para *Católica Lisbon School of Business and Economics* (CLSBE), para se adequar à sua posição global. A festa de apresentação pública da nova identidade foi a 14 de fevereiro de 2011.

O facto de o mercado relevante ser cada vez mais o mundial, exigia alterações cada vez mais importantes. Assim, no final de abril de 2012 foi circulado pelos docentes da Faculdade um documento, assinado por um pequeno grupo de professores, com uma proposta revolucionária: a fusão da FCEE com a Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa. A inspiração vinha da constatação da existência na cidade de duas escolas com aspirações de topo, e da vantagem da cooperação para ganhar escala e criar uma escola líder em Lisboa. Numa análise originalmente feita pelos professores Fernando Branco (39/80E) e Diogo Lucena da UNL mais tarde acompanhados por António Borges, tinha já motivado reuniões com os dois reitores no verão de 2011. Este tema gerou naturalmente grande polémica, sobretudo pelo confronto das vantagens de eficácia com os problemas de identidade. A situação ganhava mais relevância por quase coincidir com o fim dos mandatos da diretora da Faculdade, do Reitor e do Magno Chanceler da Universidade. O debate acabou por ser curto, visto a Reitoria se ter oposto à proposta, mas o novo diretor, professor Francisco Veloso, lançou um grande processo interno de reflexão sobre o futuro da Faculdade, concebendo assim o novo Plano Estratégico da FCEE, apresentado em outubro de 2012, e ainda em vigor. Documentos deste tipo existiam desde meados da década anterior, como se disse, mas sempre elaborados apenas ao nível da Direção. A larga participação nesta nova reflexão, debate e definição das linhas, marcou uma fase diferente na vida da escola.

Este breve esboço da evolução geral da Faculdade termina com a primeira alteração no produto original. No ano letivo de 2014–2015 a FCEE alargou o seu espectro de licenciaturas, iniciando os *International Undergraduate programs, in Management and Economics*, duas licenciaturas exclusivamente em inglês.

II. Gestão da faculdade

Segundo os estatutos da Universidade, a governação da Faculdade é conduzida pelo Diretor, apoiado no Conselho de Direção. O cargo de Diretor foi já ocupado por seis professores, mas a coerência e continuidade entre eles é o traço mais marcante, permitindo uma harmonia na linha estratégica, um dos grandes trunfos da evolução.

Direção

A FCH, onde os cursos de Economia e Gestão viveram até 1989, sempre tivera diretores da área do Direito. Por isso, foi já na FCEE que um economista ocupou o lugar. O professor Valentim Xavier Pintado, reputada figura da economia nacional, era licenciado no ISCEF em 1949, doutorado na *University of Edinburgh* em 1961, e manteve-se no cargo até 1996. Coube-lhe, não apenas a espinhosa tarefa de definir a nova escola, mas também a construção das novas instalações, como se disse. Após a sua saída, o professor Xavier Pintado seria vice-reitor da Universidade.

A direção seguinte foi chefiada pelo professor José Manuel Amado da Silva, que era professor da casa desde março de 1978 e, entre outros cargos, fora diretor dos serviços escolares na FCH, diretor do Centro de Estudos Aplicados (CEA) e vice-reitor da Universidade entre 1989 e 1992. Licenciado em Engenharia Químico-Industrial no IST em 1967 e doutorado na FCH da Católica em 1989, não completou o mandato.

Como se disse, a nomeação do professor João Borges de Assunção (32/79G) em 1996 significou um salto qualitativo na gestão da escola, embora seguindo a linha anterior. O primeiro antigo aluno a ocupar o cargo, doutorado em Management, adotou métodos internacionais de gestão académica, sobretudo nos critérios de promoção, que apenas começaram neste mandato. A ambição começava a ser declaradamente internacional.

A linha foi prosseguida também pelo seu sucessor, o professor Fernando Branco (39/80E), doutorado no MIT, em 2001. O segundo mandato do professor Branco foi o mais curto de todos os diretores, devido ao facto de, também ele, ser escolhido para vice-reitor da Universidade em 2004. Foi então

substituído pela professora Maria de Fátima Barros (171/80E), doutorada em Economia na *Université Catholique de Louvain*, que seria reconduzida em 6 de dezembro de 2007 e a 27 de janeiro de 2011 e que continuou e aprofundou as orientações dos antecessores.

Após três diretores antigos alunos, em 10 de maio de 2012 foi nomeado o segundo engenheiro, professor Francisco Pinheiro Veloso, licenciado no IST em Engenharia Física e doutorado em Gestão de Tecnologia no MIT. Seria reconduzido no cargo em setembro de 2015.

Colaboradores próximos destes cinco diretores, os membros da Direção tiveram também um papel decisivo na escola. É bom começar por referir os professores Fernando Adão da Fonseca, Amado da Silva e Aníbal Durães dos Santos, principais orientadores da parte económica da FCH no período antes da separação. Depois, nas sucessivas direções apresentadas nos quadros I.1. do anexo, muitos nomes marcaram indelevelmente a evolução da Faculdade. Uma enumeração arrisca sempre a injustiça da omissão, mas talvez sejam indiscutíveis os nomes de António de Sousa (15/72G), Manuela Athayde Marques (93/72G), Fernando Pacheco (293/75E), Fernando Nascimento (294/75E), Ana Rijo da Silva (220/78G), Luís Cardoso (514/76G), Fernando Alcides Machado (41/78E e 218/78G), José Filipe Corrêa Guedes (496/76E), Guilherme Almeida Brito (85/78G), Ana Canhoto (121/73E), Leonor Modesto (331/75E) e Manuel Leite Monteiro (192/80E), que ocuparam vários cargos nos sucessivos Conselhos. Desde janeiro de 2009 Luís Janeiro (142/73G) tem tido a seu cargo o orçamento e controlo financeiro da Faculdade.

Para lá dos diretores, muitas outras figuras marcaram a orientação de topo da Faculdade. Merece destaque a Dr.^a Helena Garcia, que ocupou o cargo de secretária da Direção desde a fundação até outubro de 2012, continuando depois como consultora da Faculdade. Foi substituída pela Dr.^a Fátima Silva, que entrara na escola em janeiro de 2003 e colaborava no secretariado da Direção desde janeiro de 2005. Nesse secretariado destacam-se também Ana Ferrão, Elsa Sousa, Elisa Lopes e Sara Silva. Elsa Sousa foi a pessoa que, inicialmente sozinha, lançou departamentos como o de marketing e internacionalização, serviços que mais tarde haveriam de ser operados por grandes equipas.

O Conselho Científico é outro órgão central de orientação académica. Ele funcionou com todos os doutorados da Faculdade até 2000, quando o professor Fernando Branco o reestruturou. A partir de então participam apenas os professores catedráticos e associados e três representantes dos auxiliares. Nessa altura o lugar de Presidente, que pelos estatutos da Universidade cabe ao Diretor da Faculdade, foi delegado em João César das Neves (467/76E), que

ocupou o cargo até outubro de 2015, então substituído por Leonor Modesto (331/75E).

Corpo docente

A primeira geração de docentes da Faculdade, ainda na FCH, era composta por professores de outras universidades e profissionais. Havia então uma opção explícita de não constituir um corpo próprio, não só para dar mais flexibilidade à escola, mas também para evitar atitudes que, em épocas de tumulto, poderiam comprometer a Católica. Nascida em tempos revolucionários, a própria sobrevivência recomendava uma estrutura leve e informal. Isso explica que só em finais da década de 1990, já celebradas as bodas de prata das licenciaturas originais, se darem as primeiras promoções internas, formando então o embrião de carreira e quadro académicos.

Esta informalidade não prejudicou, antes pelo contrário, a dedicação dos docentes à escola. Desde o primeiro momento que se sentiu o que ficaria conhecido como “espírito da Católica”, uma devoção de professores, alunos, funcionários e licenciados à sua casa. Precisamente por ser pequena, simples e descomprometida, sempre em confronto com as majestáticas universidades públicas, ela suscita um carinho especial em todos os que a compõem e rodeiam. Foi essa afeição que determinou um grupo de licenciados da casa a optar ficar como assistentes, avançando para o doutoramento, sobretudo em universidades internacionais. Esses doutorados regressando formaram a segunda geração de docentes, que lentamente foi substituindo os professores originais que tinham fundado a escola.

Após longa preparação, em 1997 a Direção da FCEE lançou o já referido processo de estruturação da carreira académica segundo critérios internacionais. As contratações de professores passaram a adotar formas e mecanismos das grandes escolas estrangeiras. Ao longo da primeira década do novo século, tornou-se habitual a presença de professores da casa nas grandes conferências científicas mundiais, com o objetivo de participar no chamado “*job market*”, recrutando recém-doutorados. Estes contratados, de múltiplas nacionalidades, constituem a terceira geração de professores, que lançará o futuro. O quadro II.1 resume essa evolução, manifestando não apenas o crescimento, mas também a internacionalização do corpo docente.

Além desta marcante evolução numérica, é importante referir outro ajustamento indispensável. O referido grupo original de assistentes que formaria a segunda geração de professores era desmesuradamente constituído por economistas. Muitos destes foram-se convertendo para áreas e temas empresariais,

mas a escola tinha, ainda na viragem do milénio, um desequilíbrio patente a favor da Economia. Este foi corrigido na seleção da terceira geração. Deste modo, algumas áreas temáticas foram constituídas graças a novos professores. Em particular deve-se referir o núcleo de Gestão de Operações, concebido pelo professor Francisco Veloso a partir de 2001, que a partir de 2004 se haveria de orientar para a análise do empreendedorismo, sobretudo com a criação do curso para executivos PAEGI, e a investigação em Psicologia e Comportamento Organizacional pela mão do professor David Patient em 2006.

Estes elementos institucionais não esgotam a descrição do corpo docente. Alguns professores marcaram gerações e gerações de estudantes, representando um dos mais importantes efeitos da Católica sobre as suas vidas. Quais os professores mais salientes? Responder à pergunta é tarefa ingrata pela inevitável omissão. Mas alguns nomes são incontestáveis, com pedidos de desculpa aos demais. Entre os mais duradouros estão Orlando Cabrinha, que salvou inúmeros alunos de naufragar nas matemáticas, e Luís Caeiro que, após ensinar Psicologia durante anos na licenciatura, se tornou um dos mais requisitados professores de executivos. Além disso, surgem Jorge Borges de Macedo na História, Adérito Sedas Nunes nas Ciências Sociais e os padres João Seabra e Hugo Santos em Cristianismo e Cultura. Na Economia, Alfredo de Sousa, Aníbal Cavaco Silva, António e Manuel Pinto Barbosa e António Borges. Nos métodos quantitativos, Luís Valadares Tavares, António Cabral e José Manuel Barrocas. Na Gestão, Rogério Fernandes Ferreira, Fernando Alçada, António de Sousa (15/72G) e Ilídio Barreto (49/79E). Muitos outros nomes poderiam e deveriam figurar nesta breve lista, até porque as gerações se sucederam. Mas estes são indiscutíveis.

Agregações

Analisando agora o progresso na carreira, é necessário considerar brevemente os respetivos processos.

Avaliação académica por excelência, as provas públicas de agregação consideram todas as facetas de um professor universitário e constituem um passo legal indispensável para o acesso ao lugar de catedrático. O quadro II.2 resume as provas realizadas na Faculdade. É curioso notar que já se realizavam provas destas, mesmo em período muito anterior à abertura formal da carreira. Por outro lado, o domínio esmagador dos licenciados de Economia nesta lista manifesta o já referido enviesamento.

Concursos

A aprovação da regulamentação dos concursos de recrutamento de professores ordinários e extraordinários e a criação de quadros de pessoal docente de

carreira na FCEE em 1996, permitiu a constituição de júris para a realização dos indispensáveis concursos.

Neste complexo processo, a Faculdade insistiu sempre em ter júris abertos, internacionais e compostos por professores das melhores escolas mundiais. O quadro II.5 apresenta a lista de todos os professores exteriores à Faculdade que, sob a presidência do reitor do momento, deliberaram acerca da admissão dos candidatos. Além destes nomes, os júris tinham, em geral, mais dois professores da casa.

Devido à referida demora no lançamento do processo, existia em meados da década de 1990 um conjunto apreciável de professores que cumpriam as exigentes conduções para promoção. Por isso no primeiro concurso, em junho de 1997, foram abertas seis vagas de professor associado, para tentar colmatar o atraso. Os seguintes, realizados a intervalos irregulares, nunca ultrapassaram as duas vagas. A lista completa encontra-se no quadro II.3.

Cumpridos os prazos exigidos no regulamento, em outubro de 2003 foi aberto o primeiro concurso para professor catedrático, a que já se seguiram mais quatro, e que se encontram descritos no quadro II.4.

Serviços não docentes

A universidade não é apenas docentes e estudantes. O vasto e diversificado corpo de pessoal administrativo e auxiliar é, muitas vezes, tão ou mais determinante para o sucesso escolar que a atividade diretamente letiva. Aliás, juntamente com a internacionalização, um dos dois grandes vetores de evolução da Faculdade nas últimas décadas é a crescente profissionalização dos seus serviços, que foram tomando uma forma e operação muito mais estruturada. O número de colaboradores aumentou de forma correspondente, como mostra o quadro I.3, que revela uma duplicação nos sete anos posteriores a 2007. As páginas seguintes resumem a intensa e preciosa contribuição realizada por muitos colaboradores nessa dimensão.

Sistemas de informação

Desde o início dos cursos a informática ocupou naturalmente um lugar muito relevante. Nos primeiros tempos, sob a responsabilidade do professor Fernandes Costa, funcionava-se com dois terminais *time-sharing*, ligados a um *mainframe* exterior. Foi nos primeiros anos da década de 1980 que o professor Valadares Tavares, então na Direção, inspirou uma decisão corajosa: adotar o microcomputador como base do trabalho informático escolar. Assim apareceram os Apple II, mais tarde substituídos por Macintosh. Nessa altura criou-se

o LACA – Laboratório de Cálculo sob a direção de Luís Dorés de Almeida (99/78E) e, após 1992, do engenheiro Jorge Cerol.

A criação da Escola de Pós-Graduação em 1991 motivou a contratação do professor Helie de Chantérac para lidar com as exigências computacionais do MBA. Em, 1994, aquando da passagem para as novas instalações, foi criado o SIGMA – Núcleo de informática da FCEE, chefiado pelo professor de Chantérac, que se passou a ocupar com toda a Faculdade. No final da década de 1990 a linha Apple, que se mantivera quase 20 anos, foi substituída pela IBM, e em 2005 o professor de Chantérac subiu para o nível da Reitoria, na nova DSI – Direção dos Serviços de Informação, encarregada do apoio a toda a Universidade, integrando assim a FCEE no todo. Esta solução ainda persiste, mesmo quando, em outubro de 2010, a Faculdade sentiu a necessidade de recuperar alguma autonomia. Foi criada então a figura de *Executive Diretor for Information Systems*, interlocutor com a DSI, lugar ocupado pelo engenheiro Alberto Lago da Silva. Meses antes tinha sido lançado o novo site da Faculdade, revisto e relançado a 15 de março de 2015.

Serviços escolares

Os serviços escolares da Faculdade são elemento decisivo para o bom funcionamento das aulas e exames, e uma orientação preciosa para os alunos no seu percurso académico. Originalmente, na FCH estes serviços estavam sob a orientação da Secretária-geral da Universidade, Dr.^a Margarida de Abreu. Do expediente dos alunos tratava Leonor Correia de Sampaio, enquanto o arquivo estava a cargo de Manuela Sobreiro. Quando a FCEE se independentizou, a tarefa crescente de lidar com os estudantes ficou dividida até 2002 entre Filomena Santos em Economia e Laura Pedro para Gestão. Nesse ano Laura Pedro, que trabalhava neste campo desde abril de 1983, passou a dirigir sozinha os complexos serviços. Foi no ano letivo de 1994/1995 que entrou em funcionamento o programa informático Sophia, criado pela equipa do engenheiro Jorge Cerol, que ainda se mantém como plataforma de gestão dos alunos. As aulas e serviço letivo usam, desde 2013/2014, a plataforma internacional Moodle.

Os cursos de executivos têm também os seus serviços administrativos próprios. Sempre sob a direção do professor Luís Cardoso (514/76G), foi apoiado por Filipa Paiva e Pona nos primeiros anos. Este departamento, após dezembro de 2003, teve José Filipe Rafael (73/79E) como diretor-adjunto, antes diretor do programa DISLOGO de ensino à distância, entretanto integrado.

A meio da década, a complexidade crescente recomendou a separação administrativa entre os cursos customizados para empresas e os cursos de inscrição aberta, levando em 2006 à nomeação de *managers* para cada sector.

Os cursos customizados ficaram a cargo de Filipa Cristóvão, antiga aluna do MBA (152503013), que entrara na casa em setembro de 1999, estando os abertos sob Catarina Paiva, licenciada em Comunicação Social na FCH (109602002), que entrara em 2002, após uma colaboração desde 1998 como aluna tarefaira. No ano de 2006/2007 foi criada a figura da Provedora do Cliente, lugar ocupado desde então por Ana Duarte Ribeiro.

Os *Executive Masters*, cujo projeto começou em 2012, têm estado desde o lançamento sob a responsabilidade administrativa de Sónia Gonçalves, antiga aluna da FCH (130306503), que entrara na escola em 2001. Em 2015 os programas de África autonomizam-se, sob a direção de José Filipe Rafael (73/79E). Desde 2003 os serviços escolares dos executivos são dirigidos por Marisa Rodrigues e os serviços financeiros por Anabela Carvalho.

Career Development Office

A Faculdade cedo compreendeu que a entrada dos seus graduados no mercado de trabalho exigia mais do que ensino de qualidade. Em 1998, por iniciativa do professor José Corrêa Guedes (496/76E) da Direção, foi criado o GIP – Gabinete de Inserção Profissional na FCEE, serviço de apoio na busca de emprego. Trata-se de um dos primeiros, senão mesmo o primeiro gabinete de carreiras a funcionar numa universidade em Portugal, utilizando especialistas em recursos humanos ao serviço dos graduados da própria escola. Concebido originalmente pela professora Cristina Neto de Carvalho (541/76E), foi em outubro de 2003 transformado no Gabinete de Desenvolvimento de Carreiras (DEC), aberto também aos mestrados, sob a direção de uma docente dessa área, Ana Duarte Ribeiro. Este departamento haveria de evoluir para o Career Development Center (CDC) e, após a reestruturação de 2014, inclui também o Career Development Office, aberto a *alumni* e à comunidade, e um observatório de colocações. Entretanto, em 1998 nascera o Job Shop, uma iniciativa da Associação de Estudantes, atualmente Forum Carreiras (*Career Forum*), que traz à universidade num dia de exposições, várias empresas para contactos com os estudantes. Esta ideia, junto com variados colóquios e entrevistas realizados ao longo do ano, tornou-se uma das iniciativas mais marcantes deste sector.

Direção executiva

Em agosto de 2008 deu-se uma grande reestruturação dos serviços. Ana Duarte Ribeiro assumiu as funções de diretora executiva dos programas pré-experiência, coordenando vários departamentos. Assim passaram a ter orientação coordenada o DEC, que passou a ser dirigido por Madalena Paiva até agosto de 2012, e até fevereiro de 2014 por Margarida Castro Henriques, os

serviços escolares e o novo departamento de Marketing coordenado por Elsa Sousa e Leandro Torres. Esta equipa, que incluía a Susana Prudêncio no contacto direto com os potenciais candidatos, atraiu para a escola o primeiro grupo de alunos internacionais, que em 2009 chegou à Católica Lisbon para fazer aqui o seu programa de Mestrado completo. Seria o início de uma florescente relação internacional.

Em fevereiro de 2007 tinha sido criado o *International Office*, lidando com intercâmbio de estudantes, sucessivamente coordenado por Lúcia Lima, Margarida Castro Henriques e Maria João Santos.

Em junho de 2014, Ana Duarte Ribeiro abandonou o posto de diretora executiva para lançar o Career Development Center e alargar os programas de educação de carreiras dentro da escola e, no início de 2016, foi contratado Xavier Rajot como novo *Executive Diretor for Pre-Experience Programs*.

Entretanto, a complexidade do processo de admissões de estudantes, em particular devido aos alunos internacionais, conduziu em abril de 2010 à autonomização do departamento de Marketing e Admissões. Este serviço, coordenado a partir de então por Joana Santos Silva, antiga aluna do MBA do curso de 2006 (152506033), tem a tarefa de lidar com a imagem da universidade, conduzir o *funding*, mas sobretudo instruir o complexo processo de seleção e admissão dos candidatos aos vários cursos.

Serviços de apoio

O bom funcionamento da escola depende de muitas pessoas que, por vezes quase invisíveis, concorrem para que tudo esteja adequado. De entre elas destaca-se Hermínia Araújo que, entrada na universidade em novembro de 1973, em 1992 foi destacada para a EPG, que acompanhou desde a fundação, mantendo-se ainda hoje na FCEE.

O primeiro rosto da Faculdade para todos os visitantes foi, durante muito anos, Maria Luísa Maurício que, entrando ao serviço em outubro de 1981, ocupa desde então o lugar de telefonista e rececionista do edifício central, onde a Faculdade residiu até 1994. No novo edifício os seguranças da S.O.V. Segurança têm essa tarefa, mas pessoas como Paulina Almendra, que ocupa a receção desde a sua entrada em 1998, realiza a saudação inicial da Faculdade a todos.

A limpeza do edifício está a cargo da empresa *sgl Corporate Facility Services*. O serviço de bar e cantina tem sido assegurado, desde a inauguração do novo edifício, pela empresa Eurest. Nas novas instalações, a Faculdade passou também a dispor de um restaurante, o Espaço Fernando, cuja exploração foi entregue a Fernando Lopes, na altura proprietário do famoso Tavares Rico, no Chiado.

Este serviço, intensamente utilizado pelos participantes dos cursos de executivos e alguns professores, teve a sua exploração passada para a Eurest em meados de 2015, altura em que mudou de nome para restaurante Vila Plana.

III. Ensino

O primeiro pilar da atividade de uma Faculdade é, sem dúvida, o ensino. Aí se encontra a operação mais vasta e intensa, mesmo quando a escola sublinha fortemente o papel da investigação. Esse trabalho escolar divide-se hoje em vários cursos de níveis muito diferentes, brevemente descritos adiante.

Licenciaturas

As duas licenciaturas constituíram, como se disse, durante quase vinte anos os únicos programas que a Universidade Católica apresentava nas áreas de Economia e Gestão. A continuidade há quase 45 anos representa o impacto mais permanente da Faculdade. O quadro III.1. apresenta o número desses graduados cursos desde o início.

A evolução dos totais segue um padrão bem marcado. Depois de uma subida muito pronunciada nas duas primeiras décadas, após 1997 começou uma descida nos últimos anos do século, que levou o nível em 2003 a ser cerca de metade no pico. Essa redução resulta claramente do efeito combinado do impacto demográfico no número de candidatos ao ensino superior nacional com o aumento da concorrência no mercado universitário português. Depois de uma estagnação, foi a partir de 2006 que surgiu uma nova tendência de subida que, apesar da manutenção dos efeitos adversos, mostra como a Faculdade conseguiu marcar uma posição de destaque⁴.

É curioso notar como nas primeiras doze edições não existiu diferença marcada entre os números de licenciados em Gestão e Economia, com valores da mesma ordem de grandeza. Só a partir de 1989, saindo então o curso de 1983/1984, se abriu um fosso, com clara vantagem para a Gestão, que se iria alargar.

⁴ Deve-se referir que os picos pontuais de licenciados registados em 2007, 2011 e 2012 são o resultado de reduções da duração dos cursos, permitindo que turmas de anos consecutivos saiam ao mesmo tempo. Os dois últimos desses anos são o resultado da adoção da estrutura de Bolonha.

Centrando agora apenas no período da FCEE, o quadro seguinte III.2 indica o número de estudantes admitidos em cada um das duas licenciaturas⁵. É bem visível a queda dos totais até ao ano 2000, sobretudo a partir de 1996. Neste século, porém, a tendência é claramente de subida. Mais uma vez as alterações na estrutura do curso geraram alguns picos.

Durante este longo período de vigência, os cursos registaram importantes mudanças. A existência de um ano propedêutico para entrada no ensino superior, que existiu de 1977 a 1980, e que a Católica ministrava aos seus futuros alunos, foi uma diferença característica desta universidade face às demais. A perda dessa vantagem esteve na base de muitas das iniciativas e ideias novas que são descritas adiante, porque a Faculdade teve de ser inovadora para vencer a enorme desvantagem de preço face às escolas públicas.

Outro elemento relevante é a forte componente de métodos quantitativos nos *currícula* que, mesmo se reduzida ultimamente, constitui uma marca característica e ainda bem visível. Opção também distinta foi o encurtamento das licenciaturas: inicialmente de cinco anos, já estavam em quase quatro quando Bolonha as fixou em três. A última novidade a referir é a criação das licenciaturas internacionais, inteiramente lecionadas em inglês. O quadro III.3 mostra a breve mas já robusta evolução destes novos cursos.

Para além da evolução numérica e das alterações curriculares, atrás mencionadas, existiram evoluções importantes no funcionamento escolar⁶. No ano letivo de 1995/1996 deu-se a criação da Comissão Pedagógica na FCEE, composta por estudantes e professores, onde são discutidos vários problemas escolares e académicos. Avanço importante, no ano 2000 foi criado o programa TOP+, mecanismo de bolsas de mérito, apoiado por várias empresas, que permite isenção total ou parcial de propinas a todos os estudantes, dependendo das notas de entrada ou de cada ano da licenciatura. Este sistema, que automatizou a atribuição de bolsas, acrescentou-se aos programas que a Universidade sempre

⁵ Deve-se dizer que esta classificação em dois grupos não é rígida. De facto, desde o princípio sempre se verificou mobilidade de estudantes entre as licenciaturas durante o percurso universitário. Ela foi facilitada pela opção de manter o primeiro ano igual em ambos os cursos. Deste modo a inscrição inicial numa licenciatura particular não deve ser considerada taxativa.

⁶ No ano letivo de 1994/1995 foi adotado em toda a universidade uma nova numeração dos alunos. Até então cada estudante tinha um número de ordem, seguido de uma barra e dos últimos dígitos do ano de entrada e a letra do curso (G ou E). A partir desse ano o número começava com um código da faculdade e do curso (1501 para a licenciatura de Gestão e 1502 para a licenciatura de Economia), seguida dos dois últimos dígitos do ano civil de entrada e de um número de ordem. Neste texto cada antigo aluno é identificado pelo número grafado na forma do respetivo ano de entrada.

tivera para apoio a alunos necessitados, e constitui um dos incentivos mais interessantes para atrair bons alunos à Faculdade. Merece ainda referência o prémio anual concedido ao melhor graduado das duas licenciaturas, criado pelo antigo professor da casa Aníbal Cavaco Silva em 1995, com os fundos do *Prémio Carl Bertelsmann* (hoje *Reinhard Mohn Prize*) atribuído ao primeiro-ministro português pelo sucesso das políticas nacionais contra o desemprego.

Elemento relevante é também o programa de *Mentoring*, lançado em 2009 e mais tarde estendido também aos programas de mestrado. Trata-se de um aproveitamento da rede única de antigos alunos da Faculdade em posições de grande destaque na sociedade. Através dela garante-se a cada aluno atual de Economia e Gestão um mentor, antigo aluno, com quem terão a oportunidade de discutir o progresso académico, perspectivas de carreira e outros assuntos relevantes. A disponibilidade desses *alumni* para, em regime de voluntariado, dar apoio e orientação a estudantes atuais, permitiu esta iniciativa que, no seu lançamento, era pioneira em Portugal.

Mestrados

Foi já na sua terceira década que a Faculdade se lançou no ensino graduado pós-licenciatura, como se viu. Mesmo então a entrada foi lenta, pois o MBA, criado em 1991 manteve-se o único diploma de mestrado da escola até 2005. Esta é mais uma prova da prudência com que o desenvolvimento se realizou, preferindo sempre importar as especializações das grandes escolas internacionais, em vez de as produzir internamente.

MBA

No seu lançamento, nos primeiros anos da década de 1990, o *Master of Business Administration* (MBA) era inovador por incluir várias especializações, nas áreas de Gestão Internacional, Finanças, Marketing e Gestão da Informação. Além disso, sendo um programa em *part-time*, novidade em Portugal, trazia uma adequação especial às necessidades dos estudantes. Esta linha foi reforçada em 1995, com a criação das especializações em Comportamento Organizacional e Gestão Geral. No mesmo ano o programa foi lançado também no Porto. A estrutura do curso manteve-se em ajustamento permanente: em 1998 deixou de ser oferecida a especialização em Gestão Internacional, e em 1999 foi a vez do Comportamento Organizacional ser descontinuado. Nesse mesmo ano a Gestão da Informação foi reestruturada passando a chamar-se Sistemas de Informação/E-Business.

Salto muito importante deu-se em 2003–2004, com a criação do MBA *full time* (FT), que permitia a conclusão do programa num único ano, em vez dos dois habituais, para estudantes que suspendessem os seus empregos para ficarem em total dedicação à formação. Nesse ano letivo realizou-se também a primeira participação da escola no *World MBA Tour*, entrando decididamente no mercado internacional. Essa linha foi reforçada em 2005 com a passagem do ensino integralmente para a língua inglesa no programa de *full time* e em uma das duas versões de *part-time* (PT).

Foi em 2007 que se realizou a primeira edição do programa de MBA conjunto Católica-Nova, combinando os recursos das duas escolas num mesmo curso. Essa transição impôs uma reestruturação, que voltaria a ser ajustada em 2009, com o lançamento do novo programa *full-time*, em parceria com o MIT Sloan, sob o nome *The Lisbon MBA*. O anterior programa adotou a designação paralela de *The Lisbon MBA Part-time*.

O quadro III.4, que resume toda esta evolução, mostra uma tendência claramente negativa no número de candidatos, explicada, não apenas pela crescente concorrência do mercado destes cursos, mas também pela sua perda de importância em termos globais. O MBA, que foi um produto único e indispensável no último quartel do século XX, é cada vez mais desafiado por alternativas mais leves e flexíveis. Por isso mesmo, para a classe 2016/2018, foi lançado *The Lisbon MBA Executive*, um novo curso para um novo mercado. Deve notar-se ainda que esta evolução resulta também da opção de nunca reduzir, e até aumentar, o grau de exigência da admissão dos candidatos, mantendo e reforçando a qualidade do curso.

Masters of Science

O primeiro mestrado a ser criado depois do MBA foi o Mestrado em Economia, originalmente concebido pela professora Leonor Modesto (331/75E). Pensado para pequena dimensão e orientado para investigação e preparação do doutoramento internacional, teve apenas duas edições, ilustradas nas duas primeiras colunas do quadro III.5, até ser integrado nos *Masters of Science*. A generalidade dos alunos admitidos concluiu a parte escolar, mas apenas nove apresentaram e discutiram a tese, obtendo assim o grau de mestre.

A adoção das regras da Declaração de Bolonha, em 2007/2008 fez explodir a oferta de mestrados dentro da Faculdade como se disse. Depois de uma licenciatura reduzida a três anos, o segundo ciclo apostou desde o início na internacionalização, com programas integralmente em inglês. Inicialmente, foram criados apenas dois cursos, em Gestão e Economia. Ambos com desenhos curriculares e escolares inovadores e arrojados, o mestrado em Gestão incluía

também uma variante internacional, que implicava um semestre no estrangeiro. Em 2011 nasceu o ramo de Finanças e, mais tarde, a variante internacional haveria de se independentizar no *International Master of Science in Management*, criando-se também, no mestrado em Gestão, as especializações em *Strategic Marketing* e *Strategy & Entrepreneurship*.

O quadro III.5, que traça esta dinâmica, mostra um crescimento bem marcado nos mestrados em Gestão e Finanças e uma manutenção na dimensão de Economia. É importante referir que, exigindo estes cursos a elaboração de uma tese, o processo transformou-se num dos aspetos mais fecundos do trabalho científico da Faculdade, com a apresentação anual de dezenas de monografias nos temas mais variados.

Mestrado em Direito e Gestão

Experiência inovadora aconteceu quase simultaneamente com a criação dos *Masters of Science*: o primeiro grau conjunto da FCEE com a Faculdade de Direito da UCP. O mestrado em Direito e Gestão está concebido sobretudo para juristas que pretendam adquirir uma formação complementar na área de Gestão. Constituindo um desafio para ambas as orientações, o curso tem tido um importante sucesso, com uma turma crescente, ao longo das suas já nove edições, como se vê no quadro III.6. Lançado na FCEE sob a coordenação da professora Cristina Neto de Carvalho (541/76E), é atualmente dirigido, no lado da FCEE, pelo professor João Confraria e Silva (710/77E).

Executive Masters

Entretanto, em 2005 e 2006 tinham nascido novas experiências de mestrados dirigidas, não a recém-licenciados como os *Masters of Science*, mas a profissionais que pretendessem uma formação graduada. Logo em 2005 surgiu o Mestrado em Gestão de Unidades de Saúde, coordenado pelo professor Miguel Gouveia (123/79E) e Dr. João Westwood. Este foi o mais ambicioso dos projetos da FCEE com o sector da Saúde que, como veremos, tinha e continua a ter uma forte colaboração com os nossos cursos de executivos. Com apenas uma edição, teve 21 participantes, três dos quais apresentaram a tese final.

No ano seguinte foi criado o MIF, *Masters in Finance*, dirigido aos profissionais com experiência no sector financeiro. Esse grau, cuja conceção se deve ao professor Nuno Fernandes (81/91E), foi um programa pioneiro em Portugal, desenhado com um formato muito inovador. Beneficiou muito das contribuições do Conselho Estratégico do MIF que reunia os presidentes dos principais bancos de investimento e presidido pelo presidente da EURONEXT, professor Miguel Athayde Marques (108/72G). O programa foi muito favorecido quando,

em outubro de 2008, o instituto internacional de certificação na área, o CFA, aderiu ao projeto, adotando a FCEE como seu *partner* na formação dos prestigiados Chartered Financial Analyst®.

Como o quadro III.7 mostra, o curso tem mantido um interesse muito significativo ao longo das suas já dez edições, com uma turma de excelentes profissionais, muitos dos quais, além da graduação, fazem também o seu exame para obterem o diploma de CFA.

Outra experiência académica interessante deu-se quando grandes empresas criaram parcerias com a Faculdade para conceber a formação dos seus funcionários licenciados, através de cursos do segundo ciclo especialmente concebidos. A Deloitte Portugal integrou a sua edição nos Masters of Science, mas o Banco Espírito Santo criou o *Executive Master in Management and Banking*, que teve quatro edições entre 2008 e 2014. Um outro banco que seguiu a mesma opção foi o BAI, Banco Angolano de Investimentos, que teve a sua edição em Luanda em 2012/2013.

Finalmente em 2013, a FCEE decidiu criar dois cursos abertos de *Executive Masters*, com especialização em *Leadership Development* e *Strategic Marketing*. Concebida por uma equipa inicial constituída pelos professores Ilídio Barreto (49/79E), David Patient e Pedro Celeste, esta linha tinha o propósito bem marcado de atender à necessidade dos licenciados pré-Bolonha de complementar a sua formação para atingir o grau de mestre. Para isso foi criado o diploma de Mestrado em Gestão Aplicada, englobando estes casos. No entanto, muitas outras pessoas têm escolhido estes cursos para adquirirem uma formação pensada para profissionais, mas mais avançada que a dos cursos de executivos. A evolução, descrita no quadro III.8 é bastante sólida, e estão já em preparação final para o ano de 2016/2017 os novos Executive Masters, em *Digital Innovation* e *Finance and Control*.

Doutoramentos

Já foi afirmado que a FCEE considerou desde o início o doutoramento como um recurso de alta qualidade, que devia ser importado das melhores escolas, em vez de produzido internamente. Apesar disso, foram realizados alguns doutoramentos na casa, descritos no quadro III.9, muitos deles com orientação de especialistas internacionais de topo.

Só em 2007 nasceria o primeiro programa de doutoramento na Faculdade, através de uma parceria, com a *Carnegie Mellon University* e o Instituto Superior Técnico, para a criação de um programa de doutoramento, o *Doctoral Program on Technological Change & Entrepreneurship* coordenado na FCEE pelo professor

Pedro Oliveira. Pensado como um programa internacional com especializações em empreendedorismo e mudança tecnológica, em que os alunos dividem os 4 anos do seu percurso doutoral entre Lisboa e Pittsburgh. Trata-se de um programa bastante seletivo que nunca pretendeu ter um grande número de participantes. Apesar disso, o interesse tem sido muito significativo e o curso está a funcionar com uma dimensão superior à inicialmente prevista. Como se pode ver no quadro III.10, não só o número dos candidatos é relevante, mas regista-se uma participação importante de alunos estrangeiros a frequentar o curso.

Formação de executivos

Como já se disse, a FCEE cedo decidiu entrar na formação pós-graduada dos quadros das empresas. Logo na segunda metade da década de 1980 o Centro de Estudos Aplicados (CEA) organizou dois “Cursos de Reciclagem para Economistas” que tiveram sucesso significativo. Mas isso não passava de uma pequena sombra do que viria mais tarde.

CAGB

O mais antigo programa de formação da FCEE ainda em operação foi iniciado a 2 de novembro de 1987. Era então lançada a primeira edição do Curso Superior de Direção Bancária, uma colaboração entre o CEA da FCEE e o Instituto de Formação Bancária da Associação Portuguesa de Bancos. Trata-se de um curso de formação pós-graduada de alguns meses, pensado para funcionários da banca e lançado sob a direção do professor Fernando Adão da Fonseca, então diretor do CEA. Este programa, que no ano letivo de 1992/1993 mudaria de nome para Curso Avançado de Gestão Bancária, tem funcionado anualmente desde então, constituindo uma das mais longas colaborações da universidade portuguesa.

Cursos de executivos na EPG

Como se viu, em 1991 foi criada a Escola de Pós-Graduação (EPG), então com o lançamento de um programa de MBA inovador, em regime *part-time* e com possibilidade de especialização. No ano seguinte, também no âmbito da EPG, desenvolveram-se três Programas de Formação para Executivos, em áreas fundamentais da Gestão: o Programa Avançado de Gestão (PAGE), o Programa Avançado de Marketing (PAME) e o Programa Avançado de Finanças (PAFE). Foi ainda em 1992 que nasceram os primeiros cursos intraempresariais, estruturados à medida das necessidades de cada cliente. Hoje, a FCEE – Católica

colabora com mais de 60 instituições e empresas públicas e privadas, nacionais e internacionais.

O quadro III.11, que apresenta os números destes programas e participantes, mostra uma evolução claramente positiva, situando-se nos últimos anos acima dos 100 cursos anuais. Curiosamente, até 2005 pode dizer-se que o número dos cursos abertos ao público era da mesma ordem de grandeza dos concebidos para empresas específicas. Apesar disso, já desde 1999 que havia muito mais participantes nestes últimos que nos primeiros. A segunda metade da primeira década do século fez disparar os cursos intraempresa, enquanto os primeiros mantinham a dimensão. A crise em 2010 e 2011 gerou uma queda visível nos cursos para empresas, rapidamente recuperada no ano seguinte.

Em 1994 foi introduzido um novo modelo de formação, os Seminários para Executivos, assegurados sobretudo por docentes estrangeiros do programa de MBA, abertos à comunidade empresarial e especialmente orientados para dirigentes de topo e antigos participantes dos programas da FCEE. Foi também nesse ano que nasceu o programa DISLOGO de ensino à distância, vocacionado para a formação de largo espectro. Concebido pelo professor Luís Valadares Tavares e José Filipe Rafael (73/79E), foi financiado pelo programa europeu EUROFORM. Funcionando até 2003 ligado ao Centro de Estudos de Problemas de Informação, CEPI, foi então incluído dentro na EPG, passando a chamar-se PGG – Programa Geral de Gestão.

Em 1997, e ainda no âmbito da Formação de Executivos, surgiram os Programas sectoriais, adaptados às especificidades de certas atividades com dimensão estratégica e potencial de desenvolvimento. Atualmente, existem Programas sectoriais nas áreas da Saúde, Instituições Bancárias e Seguradoras, Telecomunicações e Tecnologias de Informação, Turismo, Distribuição e Indústria Automóvel e Construção. Como se disse, a colaboração com o sector da Saúde merece destaque, não apenas pela duração mas também pela profundidade dessa colaboração. O já referido Mestrado em Gestão de Unidades de Saúde foi um desenvolvimento dessa linha em 2005 mas, logo em 2001, na sequência de um concurso lançado pela Ordem dos Médicos, a FCEE passou a ser a única escola do País credenciada pela Ordem para oferecer uma Pós-Graduação em Gestão de Unidades de Saúde (PGOM).

A primeira internacionalização da formação de executivos aconteceu em 1997, dado alguns cursos anteriores em Macau se terem realizado quando o território ainda era português. Nesse ano começaram os cursos em Angola, uma presença que se mantém desde então. Em 2005 essa abertura foi alargada para São Paulo, no Brasil, e em 2009 para a Polónia.

Finalmente, em 2005 foi extinta a EPG, criando em substituição dois departamentos: MBA e Formação de executivos. No mesmo ano nasceu o já citado Conselho Estratégico para a Formação de Executivos, onde empresários de referência ajudam a Faculdade a conceber o seu futuro, e três anos depois, em 2008, a FCEE recebeu a Conferência Mundial da Formação de Executivos.

Um último desenvolvimento que, na linha da crescente internacionalização, está a marcar os anos mais recentes desta área é o *Advanced Management Program*, formação de topo em conjugação com *Kellogg School of Management* da *Northeastern University* nos EUA, sob a coordenação dos professores António Borges e Sérgio Rebelo (598/76E). Foi em 2010 que se realizou o primeiro desses cursos, que tem tido várias edições, onde gestores de topo de grandes empresas portuguesas passam duas semanas, uma em Lisboa e outra em Chicago, adquirindo experiência e conhecimentos. Este programa tem vindo a expandir-se, surgindo já versões exclusivamente para angolanos e outras atualmente customizado para grandes empresas, como Jerónimo Martins, REN, Mota-Engil, Logoplaste, entre outras.

Internacionalização

As relações com faculdades estrangeiras constituem, desde o início da sua existência na Católica, uma das marcas mais patentes do ensino da Economia e Gestão. Mas essa linha tem sido decididamente reforçada ao longo dos anos. Alguns dos professores mais marcantes dos primeiros tempos tinham-se doutorado no estrangeiro, e muitos dos primeiros licenciados da escola seguiram o mesmo caminho, como se disse. Pode afirmar-se que os licenciados da Faculdade se foram tornando clientes habituais de bolsas como as da Fundação Gulbenkian e do Fulbright Program, na época os principais meios de acesso de portugueses ao estudo internacional.

O programa Erasmus, criado pela União Europeia em 1987, constitui indiscutivelmente uma das mais influentes e bem-sucedidas iniciativas de internacionalização universitária. Promovendo o intercâmbio de docentes e sobretudo estudantes, foi depois coadjuvado por outros mecanismos de *exchange students*, a partir de outras zonas do mundo, gerando uma nova atitude e dinamismo na forma de conceber os cursos superiores. A Católica aderiu a esse movimento cedo e em força, quer enviando quer recebendo alunos. Desde então passou a ser normal ouvir falar estrangeiro nos corredores da escola. O quadro III.13 resume a trajetória de movimento internacional de alunos nas licenciaturas nos anos mais recentes, incluindo *exchange* e *free-mover students*, manifestando bem o forte crescimento.

Pelo seu lado, o programa de MBA revelara-se desde o início um forte fator de internacionalização, sobretudo através da qualidade e quantidade de professores estrangeiros que se habituaram a passar algumas semanas em Lisboa. Isso abriu outras áreas de colaboração, nomeadamente na investigação, que se mostraram muito proveitosas. Sem menosprezar os esquecidos, alguns nomes merecem destaque pela longevidade e profundidade dessa colaboração: Rajiv Sinha, professor de Marketing na *WP Carey School of Business* da *Arizona State University*, Tawfik Jelassi, professor de Sistemas de Informação, e Charles Waldman, professor de Marketing, ambos no INSEAD, Sérgio Rebelo (598/76E), professor de Finanças na *Nordwestern University*, Gary Emery, professor de Finanças no *Michael Price College of Business* da *University of Oklahoma*, entre muitos outros.

Apesar de todos estes efeitos, a que se deve juntar a já referida internacionalização dos cursos de executivos, foi a criação dos *Masters of Science* que transformou o *campus* da FCEE num edifício poliglota. Concebidos logo em inglês e formatados para o mercado internacional, desde cedo que esses programas começaram a ter procura global. Como se disse, foi em 2009 que chegou o primeiro grupo de estudantes estrangeiros que se inscreveu no mestrado completo, facto que se tornaria comum nos anos seguintes. O quadro III.12 revela uma subida muito forte, não só do número mas também da percentagem dos alunos estrangeiros. Logo nas candidaturas se nota como a identidade desses mestrados é universal.

Em consequência, a quantidade e variedade de nacionalidades nas salas de aula da FCEE, rapidamente se tornou impressionante. Uma fatia significativa dos alunos que frequentam esses mestrados não falam português e a tendência, como se vê, é crescente. Em contrapartida, também é verdade que cada vez mais licenciados da Faculdade procuram fora do País o seu mestrado.

Rankings

Exigência fundamental para uma presença prestigiada na cena universitária internacional é, além da já referida certificação internacional, a presença nas listas ordenadas (*rankings*) do prestigiado jornal britânico *Financial Times*, consultadas por todos os interessados neste tema.

O quadro IV.1 apresenta a posição da FCEE no mundo, seja nos cursos de executivos como no *Masters of Science*. Começando em valores próximos da posição 50.^a, a escola tem-se encontrado ultimamente abaixo do lugar 40.º. As duas últimas linhas descrevem a posição apenas na Europa, seja relativamente ao MBA seja como escola de negócios, a qual constitui a ordenação combinada de todas as anteriores. Aí a evolução é ainda mais marcada. Uma das maiores

festas da faculdade deu-se no dia 2 de dezembro de 2013, data do anúncio público da sua entrada no top-25 europeu.

Joint degree e acordos

Outra dimensão favorecendo a cooperação internacional da FCEE é a assinatura de acordos de intercâmbio com outras escolas, que muitas vezes conduzem à concessão de graus duplos ou outras formas de diplomas-conjuntos. O mais antigo protocolo deste tipo foi assinado logo em 1996 com a *Faculté Libre des Sciences Économique et de Gestion* da *Université Catholique de Lille*. Em 2016 o número desses acordos envolve já 126 escolas diferentes, em 41 países dos cinco continentes. As zonas mais representadas são França (17), Espanha (9), Alemanha (8), Reino Unido (7) e Brasil (6). Mas devem referir-se ainda os quatro acordos com a Índia, quatro na China e três na Coreia do Sul, entre muitos outros.

O dinamismo é revelado pelo facto de no início do ano de 2016 estarem em negociação mais dez acordos com universidades da Austrália, Brasil, Canadá, Marrocos, Nova Zelândia, Singapura, Taiwan e Tailândia.

IV. Estudantes

Um dos maiores ativos da FCEE sempre foi a qualidade dos seus alunos. Nos primeiros tempos a entrada na licenciatura exigia um exame de admissão, que assegurava um nível elevado. Essa prova, de matemática, inglês e cultura geral, manteve-se enquanto foi permitida pelo Ministério. Mais tarde a exigência na admissão permaneceu, marcada agora pela média de entrada nos exames nacionais de acesso. Mas a ação dos alunos vai muito para lá da simples participação em atividades letivas.

Associação de estudantes

Característica da Faculdade nos primeiros anos foi a ausência de uma associação de estudantes. Num meio e época onde as organizações académicas tinham tido um papel dramático nas lutas estudantis, e apesar da Faculdade de Teologia da Católica sempre a ter tido, nos cursos de Economia e Gestão ela primava pela ausência. Este era um aspeto muitas vezes deplorado, mas sempre omissos. Os alunos da Católica dos primeiros anos andavam demasiado ocupados a estudar para se meterem noutras atividades. Sinal desse desinteresse é o facto de as primeiras direções da Associação de Estudantes, quando finalmente surgiu,

não terem deixado sinal de si. Apenas sobrevivem registos dos últimos 17 anos, que são apresentados no quadro III.14.

Felizmente, à medida que o tempo ia passando, o associativismo estudantil ganhava um maior papel. A sua atividade dividia-se em várias vertentes, como sejam as lúdicas (festas, viagens, etc.), formativas e académicas (conferências, debates), desportivas (várias equipas femininas e masculinas representando a escola nos campeonatos universitários) e ainda de intervenção social e serviço à comunidade. Entre estas inúmeras ações algumas devem ser referidas.

Antes, porém, deve registar-se a criação em 2002 do “fim de semana do Caloiro”. Sendo uma iniciativa da Direção da Faculdade, teve a colaboração decisiva da Associação desde o início, ao abdicar da tradicional “praxe” ou a favor desse encontro. De facto, ele pretende ser uma alternativa positiva, inteligente e divertida à tradicional acolhida académica de novos alunos, incutindo o espírito da Católica desde o primeiro momento. Os recém-inscritos são recebidos por colegas e docentes em dois dias de atividades na serra da Estrela, com alegria, desporto e convívio. Mais tarde foi lançada também a “praxe solidária”, envolvendo uma iniciativa de ajuda a necessitados como instrumento para a integração dos novos estudantes. Desde pintar instalações de instituições de solidariedade a apanhar batatas, muitas tarefas úteis e divertidas têm sido incorporadas para criar dinâmica de corpo nas turmas iniciais.

Iniciativas dos estudantes

O lugar crescente da Associação e das suas iniciativas não esgota a atividade dos estudantes. No meio da grande variedade, algumas merecem destaque.

Os alunos da FCEE sempre tiveram uma grande ligação à Capelania, evidenciando-se na participação em encontros, peregrinações, “Missões País” e outras iniciativas apostólicas. Nessa linha é conveniente recordar que os crucifixos das salas de aula do novo edifício foram comprados por um grupo de estudantes, que pretendiam colmatar a falha que se registara nos primeiros anos.

Desde cedo os alunos da Católica envolveram-se na ação caritativa. No ano letivo de 1985/1986 nasceu o GASUC, Grupo de Ação Social da Universidade Católica, fundado por um grupo chefiado por Filipa Silva Pinto (516/83E) e Maria Quintela de Direito, que realizou inúmeros projetos de apoio e solidariedade, começando pelo bairro de lata da Quinta da Calçada. Em 1989 nasceria, no seio desse movimento, o GAS’Africa. Este último, fundado por Jorge Líbano Monteiro (46/86G), tornar-se-ia no precursor de muitos outros movimentos universitários que partiram para longes terras ao serviço do desenvolvimento

e da evangelização, como a ASUL da Lusíada, o GASIST do Técnico, o GAS-NOVA, etc.

Nessa tradição, o Católica-MOVE é uma ONGD sem fins lucrativos criada pelos estudantes da FCEE em 2009. O projeto pretende ajudar, através do microcrédito, o desenvolvimento empresarial em países pobres, como Moçambique, Timor-Leste e São Tomé e Príncipe.. Graças ao apoio de parceiros empresariais, nomeadamente bancos, os voluntários, que hoje já incluem participantes de outras universidades e até de outros países, apoiam projetos produtivos das populações locais, que os próprios estudantes selecionam, financiam e acompanham. Concebidas em visitas de cerca de seis meses de duração, as missões do MOVE facultam um acompanhamento técnico, formativo e até pessoal dos empresários locais, para além da concessão de crédito.

Uma das mais antigas e influentes iniciativas dos alunos é a AIESEC. Trata-se do ramo local da *Association internationale des étudiants en sciences économiques et commerciales*, fundada em 1948 e presente em Portugal desde 1959, e que há anos é a maior organização mundial gerida exclusivamente por estudantes. Ela está presente na Católica de Lisboa desde 8 de junho de 1984 e tem tido múltiplas iniciativas, no intercâmbio internacional, na organização de eventos, estágios e várias outras atividades.

Jornais e publicações

A relação entre a imprensa e a academia é antiga e sólida. Também os estudantes de Economia e Gestão tiveram várias iniciativas editoriais que, nem sempre com grande continuidade, compensavam em profusão a sua brevidade. Infelizmente, não é possível ser exaustivo nesta descrição, mas alguns marcos destacam-se.

A mais duradoura das publicações foi, certamente, a revista *Gestão & Risco*. Publicou os seus números 0 e 1 em março e junho de 1985, ainda com o título *Risco*, apresentando-se então como “Revista dos Estudantes do Curso de Gestão/81 da Universidade Católica Portuguesa”. Tinha como editores Maria Helena Almeida (64/81G, futura administradora da Universidade), Isabel Mafra Salgado (25/81G), António Horta Osório (8/81G, futuro prémio carreira), Fernando Nobre Carvalho (21/81G), João Cândio Martins (31/81G), João Paulo Vaz (35/81G) e Rui Gonçalves Soares (89/81G). Este grupo, que mudou o nome da revista para *Gestão & Risco* logo no n.º 2, apresentou quatro edições até à sua graduação em 1987, altura em que passou a iniciativa para o Curso de Gestão de 83. Assim o título continuou, passando de curso em curso, até ao n.º 21, de dezembro de 1995, na altura da responsabilidade do curso de 1990/1996.

Os alunos de economia lançaram, em março/maio de 1987 a *Decisão – Revista dos Estudantes de Economia da Universidade Católica*, sob a direção de Orlando Rui Viegas (91/81E), que não teve continuidade. Entretanto nascera o *Reflexo, jornal de estudantes da Faculdade de Ciências Humanas da U.C.P.* em novembro de 1984, que teve três números até maio de 1985. *A Palmada*, que apresentava como redação “Os Intocáveis”, nasceu em janeiro de 1988 e teve pelo menos 10 números, até março de 1990. Entretanto, vários alunos da Faculdade participavam no *Recado*, o jornal da Capelania que, já no século XXI seria sucedido pelas *Notícias da Capelania*.

Vários outros títulos merecem referência como o *In Loco* em 1997, a Revista A^(R)Risco em maio de 2004, a *Veritatis –FCEE-UCP* em junho de 2005 e o *Católica-Tribune* de 2009 a 2011. Entretanto, a AIESEC Lisboa Católica também teve algumas iniciativas como a *Confrontos. Debater, Confrontar, Pensar* em 1996, a *Líderes do Futuro* em 1997 e 1998 e a *Lead Magazine* em 2011. Por sua vez a Associação de Estudantes de Economia e Gestão da Universidade Católica editou a *Reviews* em 1999. Mais recentemente, já na época dos blogues, os jornais em papel permanecem, mas agora dominados pelos *professionals clubs*, adiante descritos. O *Católica Economics Club* tem editado, desde dezembro de 2012, *The Lagrangian*, enquanto o *Católica Finance Club* lançou em abril de 2014 o *Ceteris Paribus*, depois transformado em *Newsletter*.

Professional Clubs

Uma iniciativa mais recente da Faculdade, com um interesse crescente são os *professional clubs*, onde os estudantes começam já a praticar na sua área de especialização. Neste momento existem seis desses clubes em atividade: o *BET* que promove o empreendedorismo, inclusivamente através da criação de *start-ups*; o *Consulting Club* que se dedica à atividade na área da consultadoria e o *Creative Club* que relaciona a gestão com as artes visuais e performativas. Pelo seu lado o *Finance Club*, o *Marketing Club* e o *Economics Club* desenvolvem atividades variadas nestas três áreas do saber.

Alumni

Se os alunos sempre foram um dos melhores ativos da Faculdade, é normal que isso se transmita ao seu corpo de graduados. Este, entre licenciaturas e mestrados, inclui já mais de oito mil nomes, muitos deles em posições de destaque no País e no estrangeiro. A sua ligação à *alma mater* é mutuamente decisiva.

Associação de antigos alunos

Se a Associação de Estudantes demorou muitos anos a surgir, a de Antigos Alunos data logo dos primeiros tempos. A sua criação deve-se a sobretudo a João Gilberto Varela Vala (40/72G), aluno do ano de lançamento da escola, seu primeiro presidente e alma durante anos. A lista dos presidentes encontra-se no quadro III.15.

Deve dizer-se que, ao longo dos seus quase quarenta anos, a Associação teve vários períodos mortos, seguidos de ressurgimentos que relançavam a atividade. A *Alumni* dirige-se ao universo dos licenciados, mestres e doutores, sem abranger os alunos Erasmus, executivos e Lisbon MBA. Este último tem a sua própria associação de antigos alunos, pois em dezembro de 2009 foi criado o *The Lisbon MBA Alumni Club*. Com um grande dinamismo nos últimos anos, a Associação tem realizado inúmeras iniciativas nos campos desportivo, lúdico, cultural, profissional e da responsabilidade social, além de ir envolvendo os seus associados na vida da Faculdade.

Gabinete do antigo aluno

Consciente da importância desta ligação aos graduados da casa, em dezembro de 2005 a própria Faculdade criou o Gabinete do Antigo Aluno (GAA), para fomentar esses contactos. Chefiado desde a fundação por Maria do Rosário Lucas (152/73G) e com a colaboração voluntária de vários antigos alunos, tem tido inúmeras iniciativas e grande colaboração com a *Alumni*. Destaca-se, sem dúvida, a realização dos jantares comemorativos dos aniversários dos vários cursos, que se verificam de cinco em cinco anos, o que sempre gera momentos de forte emoção pelo regresso à escola. Além destas celebrações, o GAA começou a criar vários encontros de antigos alunos em cidades estrangeiras. Em 2009 fez-se uma primeira iniciativa no “FCEE-ALUMNI de Londres”, seguida em 2010 em Madrid e Nova Iorque. Já houve também reuniões em Paris, Brasil e Angola.

Prémio carreira

Particular destaque merece outra iniciativa do GAA que, desde 2006, tem galardoado os antigos alunos que mais se destacam no seu percurso profissional. O prémio é atribuído no então criado “Dia da FCEE”, e a decisão é tomada por um júri, que durante os primeiros anos foi presidido pela Dr.^a Manuela Ferreira Leite, e composto pelos Drs. Artur Santos Silva, Francisco Pinto Balsemão, Isabel Mota e o Eng.^o Manuel Ferreira de Oliveira. Em 2015, devido à necessidade de reestruturar o júri, o prémio não foi atribuído. O novo júri,

agora presidido pela Dr.^a Leonor Beleza, continuou o projeto em 2016. A lista completa dos galardoados pode ver-se no quadro III.16.

V. Investigação

A investigação científica constitui uma das atividades nucleares de qualquer universidade. Por isso ela teve lugar central na Faculdade desde o seu início. A já referida opção estratégica de não investir num programa de doutoramento, enviando os candidatos para escolas de topo mundial, teve aqui, como se disse, um efeito negativo, dado a elaboração de teses de doutoramento ser uma importante fonte de trabalho científico em qualquer universidade. Esse efeito foi compensado pelos contactos internacionais que essa opção permitiu e, depois, pela citada aposta numa carreira e promoção de professores baseada sobretudo na sua capacidade de publicação em revistas científicas internacionais.

Revista ECONOMIA

Durante quase vinte anos a Faculdade editou ela própria uma revista científica, publicando inúmeros trabalhos nacionais e internacionais. Fundada pelos professores M. Jacinto Nunes, Alfredo de Sousa, José A. Girão e A. Cavaco Silva, e tendo como primeiro secretário executivo J. Braga de Macedo, a revista *Economia* publicou o seu primeiro número em janeiro de 1977. Manteve três números por ano (janeiro, maio e outubro) até ao volume XVIII de janeiro de 1994. Desde o número 3 do primeiro volume, em outubro de 1977, até ao fim, o secretário executivo foi engenheiro José Manuel Barrocas que, apoiado por Maria da Conceição Barros, foi o verdadeiro motor da publicação.

UNICEE/CUBE

O desenvolvimento do trabalho científico conduziu à formalização dessa atividade, com a criação em 1997 da *UNICEE – Unidade de Investigação da FCEE*. Agregando o produto de investigação desenvolvido na Faculdade, é importante referir que a unidade nunca tentou planear ou orientar o trabalho dos seus membros, deixando a cada um a liberdade de criar e desenvolver as iniciativas e projetos científicos que considerasse convenientes. Isto explica porque, apesar da pequena dimensão relativa, pelos cânones internacionais, a unidade tenha mantido uma grande diversidade de temas e áreas de investigação, sem entrar em especializações. Nas avaliações periódicas realizadas pela Fundação para a Ciência e Tecnologia desde 1998, este núcleo tem sempre mantido a

classificação de Excelente. Na última dessas avaliações das unidades de investigação em Portugal, realizada pela *European Science Foundation* a pedido da FCT em dezembro de 2014, o CUBE destacou-se no panorama nacional ao classificar-se como a melhor unidade de investigação não apenas na economia e gestão, mas em todas as ciências sociais.

O quadro IV.2, resumindo os resultados quantitativos da Unidade, mostra bem a tendência crescente do número de publicações. É notável como, desde 2010 e em praticamente todos os anos, a Faculdade conseguiu divulgar mais de 20 novos artigos anuais em revistas internacionais. Muito importante para esse sucesso foi o apoio administrativo do Centro, a cargo de Leonor Machado, Débora Porém e Alexandra Correia.

Feito o registo da UNICEE na FCT, em dezembro de 2013 foi adotada a nova designação de *CUBE – Católica Lisbon Research Unit in Business and Economics*. Foi também por essa altura que, assumindo um planeamento estratégico da investigação mais impositivo, se tentou pela primeira vez uma organização formal das áreas. O CUBE foi estruturado em nove grupos de investigação⁷, incluindo ainda três grandes áreas temáticas: *Health; Business Ethics* e *Behavioral Research*. Cada investigador participa em vários desses grupos, tendo cada grupo de investigação e área temática um professor responsável.

Relacionados com o CUBE existem algumas unidades particulares de investigação, centros ou laboratórios, que formam relações entre investigadores dentro e fora da universidade.

CEBE

O CATÓLICA-LISBON *Center for Ethics, Business and Economics (CEBE)* foi fundado em 2007, com a missão de realizar investigação, bem como iniciativas formativas e editoriais relacionadas com os vários ramos da ética empresarial, responsabilidade social das empresas e doutrina social da Igreja. O primeiro diretor foi o professor padre João Seabra, antigo capelão da universidade, tendo como diretor de investigação João César das Neves (467/76E) e diretor executivo Antonino Vaccaro, substituído em 2013 por Tommaso Ramus. A atividade do Centro tem-se dividido pela organização de conferências internacionais e realização de vários projetos de investigação. Temas particulares de estudo têm

⁷ 1. Macroeconomics and Economic Policy; 2. Microeconomic Theory and Applications; 3. Organizational Behavior and Human Resources Management; 4. Finance; 5. Marketing and Consumer Behavior; 6. Strategy; 7. Operations and Information Management; 8. Entrepreneurship, Technology & Innovation Management; 9 Ethics.

sido a informação e transparência empresarial, o empreendedorismo social e a doutrina económica da Igreja.

Health Innovation Research

O *Health Innovation Research (HiResearch)* é um grupo pluridisciplinar que junta investigadores da gestão, economia e das ciências da saúde, interessados em inovações no campo médico, que junta também investigadores das duas Faculdades de Medicina de Lisboa, para além do Instituto de Ciências da Saúde da UCP. Os coordenadores são os professores Pedro Oliveira, da Católica Lisboa, e Helena Canhão, da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, englobando várias iniciativas, de que vale a pena destacar a plataforma *Patient Innovation*, que será descrita adiante, e o *Health Innovation Lab – HiLab*. Este último junta líderes, empresários e outros agentes da indústria da saúde, para promover troca de experiências e inovações.

Católica Lisbon Innovation Lab (i-Lab)

O *Católica Lisbon Innovation Lab*, lançado em 2012, é um fórum onde empresas líderes de vários sectores partilham, experimentam e apreendem ideias e conceitos inovadores com o apoio académico de investigadores especializados na área da inovação. O i-Lab possibilita o acesso à mais recente investigação nesta área através de *newsletters* e *workshops*, bem como da partilha de experiências.

Laboratory of Experimental Research iN Economics and Management (LERNE)

O LERNE, criado em 2013 e coordenado pela professora Rita Coelho do Vale, é um laboratório de experimentação para estudos de comportamento dos consumidores e dos seus processos de decisão. Podendo realizar projetos de investigação mas também estudos de mercado para clientes, permite uma observação única sobre as escolhas dos agentes económicos.

Conferências na Faculdade

Ainda no campo da investigação, é de referir que a Faculdade foi palco de algumas importantes conferências internacionais. Além das iniciativas diretas dos seus professores, múltiplas associações científicas escolheram a Faculdade para realizar os seus encontros e colóquios. Entre outras, merecem destaque as que estão listadas no quadro IV.3.

VI. Serviço à Comunidade

Para lá da sua atividade nos campos do ensino e da investigação, faz parte da missão da Faculdade a intervenção direta na vida socioeconómica, inserindo-se no meio que a rodeia.

Claro que, como economistas e gestores, os docentes e alunos da Católica têm participado na vida cívica de múltiplas formas, particularmente participando como peritos nos meios de comunicação social. Neste último campo deve referir-se a publicação do volume *Visto da Católica – A Economia Portuguesa em Exame (1998-2001)*, da editora Princípia, 2002, reunindo os artigos de uma das várias colunas de opinião que os docentes da escola têm mantido na comunicação social. As próximas páginas resumem algumas outras atividades que merecem particular destaque.

CEA

Uma das presenças mais influentes da FCEE é, sem dúvida, o Centro de Estudos Aplicados (CEA). Trata-se de uma unidade de consultoria, prestando serviços a diversas instituições dos domínios privado, público e social, fazendo a interligação entre os problemas reais e a investigação científica realizada na Faculdade. Inicialmente concebido como centro autónomo da Faculdade, a sua ligação era estreita, como se pode ver pela lista de diretores apresentada no quadro I.2.

Após os anos de lançamento, sobretudo dirigida aos trabalhos em Economia e Gestão, de 1984 a 1997 o Centro optou por uma atividade mais abrangente, incluindo também o Direito. Assim o seu novo diretor, Mário Pinto, tinha como vogais Fernando Adão da Fonseca, António de Sousa e Germano Marques da Silva, respetivamente um para cada área. A 20 de abril de 1988, Mário Pinto foi reconduzido no cargo, passando a ter como vogais Fernando Adão da Fonseca, Jorge Vasconcellos e Sá (45/72G) e Maria Leonor Modesto (331/75E), Germano Marques da Silva e Manuela Athayde Marques (93/72G). No ano 2000 deu-se a integração formal do Centro na FCEE, e desde novembro de 2008 foi criado o novo lugar de diretor executivo, ocupado desde então por Sofia Pereira (97/85G).

O CEA realiza anualmente dezenas de estudos em campos muito variados, desde análises de mercado à consultadoria para privatizações e operações financeiras, passando por inúmeras questões de empresas e sectores, parcerias público-privadas, economia financeira, economia da regulação, da saúde, estudos sectoriais, finanças empresariais, marketing e comportamento organizacional.

Entre os seus clientes encontram-se grandes empresas e instituições como a ANA Aeroportos de Portugal, EDP, Associação Nacional de Farmácias, Associação Portuguesa de Bancos, BPI, CGD, Banco Santander Totta, Direção-Geral do Tesouro e Finanças, Boston Consulting Group, Brisa – Autoestradas de Portugal, CTT, Jerónimo Martins, Euronext, Somague, Fundação Champalimaud, Gabinete do Secretário de Estado da Energia, Galp Energia, GlaxoSmithKline, L'Oréal Portugal, Merck, Sharp & Dohme, Microsoft Portugal, Ministério da Administração Interna, Novartis Farma, OGMA, Pfizer, REFER Património – Administração e Gestão Imobiliária, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Dep. Jogos, Secil, Uber BV, Vista Alegre e Vodafone Portugal, entre muitas outras.

Outras Iniciativas

O CEA não é o único centro de estudos da faculdade. Deve também ser referida a criação em 1989 do CEPI – Centro de Estudos dos Problemas da Informação, realizando estudos nessa área tão relevante. Criado e dirigido pelo professor Luís Valadares Tavares, atuou sobretudo na aplicação dos novos sistemas de informação ao ensino, ganhando vários programas da União Europeia. A experiência acabaria por se cristalizar no já citado programa DISLOGO de ensino à distância.

Por outro lado, no âmbito do CEA, surgiram algumas iniciativas semi-independentes que merecem destaque.

Católica Lisbon Forecasting Lab | NECEP

A análise de conjuntura macroeconómica fora um dos temas mais emblemáticos dos primeiros anos do CEA, pela mão do seu primeiro diretor, o professor Alfredo de Sousa. Em 2005 nasceu o NECEP (Núcleo de Estudos de Conjuntura da Economia Portuguesa), que em 2015 passou a chamar-se Católica Lisbon Forecasting Lab | NECEP. Iniciativa do professor, antigo aluno e antigo diretor João Borges de Assunção (32/79G), inicialmente coadjuvado por Luís Bernardes (32/83E) e Carlos Rondão na informática, tem desde 2013 Pedro Afonso Fernandes como economista chefe. Esta unidade apresenta como principal produto a edição da Folha Trimestral de Conjuntura, publicando também outras Notas e Relatórios Temáticos, de que se destaca uma análise anual sobre o Orçamento do Estado. Os textos completos são disponibilizados aos assinantes, um pequeno grupo de grandes empresas nacionais, mas têm grande impacto ao serem publicados sumários na imprensa nacional. As previsões do

NECEP há anos que fazem parte do painel de estimativas mais reputadas sobre a evolução da economia portuguesa.

Observatório das Parcerias Público-Privadas (OPPP)

A grande aposta que, sobretudo no início do século XXI, Portugal fizera na estrutura contratual de ligação entre os sectores público e privado, trouxe o fenómeno para o centro das atenções. Em 2009 nasceu uma das iniciativas mais ambiciosas do CEA, o OPPP, com a finalidade de desenvolver um trabalho sistematizado e fundamentado sobre a temática das Parcerias Público-Privadas em Portugal. Este núcleo, dirigido pela professora Leonor Modesto (331/75E), coadjuvada pelo professor Ricardo Reis, trabalha desde o início com forte colaboração das entidades a operar no sector, permitindo a todos os *stakeholders* envolvidos fornecerem e acederem a informação rigorosamente tratada, e a desenvolvimentos de Economia Aplicada neste campo.

Indicador de Poupança APFIPP/Universidade Católica

O acompanhamento da poupança privada tem uma importância muito relevante para Portugal, sobretudo desde a crise financeira. Por isso o CEA, em conjunção com a APFIPP – Associação Portuguesa de Fundos de Investimento, Pensões e Patrimónios, lançou o Indicador de Poupança, que antecipa a evolução do aforro dos portugueses. Lançado em 2010, com uma série a partir de 2000, é divulgado mensalmente e publicado na 2.ª semana de cada mês, normalmente com significativo impacto na imprensa.

Patient Innovation

Ligada ao já referido projeto *Health Innovation Research*, a *plataforma digital Patient Innovation*, lançada em Lisboa a 7 de fevereiro de 2014, constitui uma das mais promissoras iniciativas no campo do uso das redes sociais para a promoção da saúde. O professor Pedro Oliveira, criador e líder do projeto, concebeu uma plataforma digital internacional, multilíngue e sem fins lucrativos, onde se realiza a partilha de soluções inovadoras desenvolvidas por doentes ou cuidadores para os ajudar a lidar com as suas enfermidades. Ligando todos os interessados, permite a troca de informações sobre terapias, estratégias, mecanismos e conhecimentos para aumentar o bem-estar dos que sofrem. Disponível no *site* <<https://patient-innovation.com/?language=pt-pt>> tem despertado enorme interesse nacional e internacional, ganhando vários prémios mundiais e contando com um Advisory Board que inclui alguns Prémios Nobel entre outros destacados académicos. No 2.º aniversário da plataforma (fevereiro de 2016), esta contava já com mais de 37 000 utilizadores dos cinco continentes

e com um *portfolio* de mais 600 inovações desenvolvidas por doentes ou cuidadores de mais de 30 países. Em 2016 o *Patient Innovation* foi convidado pelo Museu de Ciência de Londres a integrar uma exposição intitulada “Beyond the Lab: The DIY Science Revolution” que para além de Londres, visitará outros 28 países europeus, estimando-se que seja visitada mais de um milhão de pessoas.

Observatório da Sociedade Portuguesa (OSP)

A mais recente iniciativa do CEA é o lançamento, em 2016, do Observatório da Sociedade Portuguesa (OSP). Esta unidade, liderada pela professora Rita Coelho do Vale, dedica-se ao estudo de dados recolhidos através do Painel de Estudos Online da CATÓLICA-LISBON, e/ou métodos de recolha de dados indiretos (por exemplo, estatísticas socioeconómicas, demográficas e de saúde disponibilizadas por entidades nacionais e internacionais). Os fenómenos abordados são muito variados, desde aspetos sociais tais como bem-estar e avaliação da qualidade de vida, nível de felicidade, segurança ou confiança, até características económicas, realizando a sua contextualização a nível internacional.

VII. Conclusões

Nos 27 anos de existência como Faculdade, que se seguiram a outros 17 anos de integração na FCH, a presença das Ciências Económicas e Empresarias na Universidade Católica teve uma evolução impressionante, que estas páginas procuraram esboçar. Aquilo que aqui não pode ficar registado é a importância que essa presença teve na vida concreta dos milhares de pessoas, estudantes, docentes e funcionários, que aqui passaram e passam tanto tempo da sua existência.

Para lá da ciência, técnica e sabedoria que a Faculdade foi veiculando, há também a atitude de fundo, a caridade na verdade, que sempre permaneceu. O padre João Seabra, antigo capelão da universidade e atual diretor do Instituto de Direito Canónico, resumiu esse elemento de uma forma lapidar: “Nas outras escolas é rua até à porta da sala; na Católica é casa desde a porta da rua”, junho de 2016.

ANEXOS

Anexo I – Gestão da Faculdade

Quadros I.1. Conselhos de Direção da Faculdade

	15 de setembro de 1989	4 de dezembro de 1992	16 de janeiro de 1995
Diretor	Valentim Xavier Pintado		José Amado da Silva
Diretor interino	António Fernandes de Sousa	–	–
Coord. Economia	Aníbal Durães dos Santos	João César das Neves*	Fernando Machado
Coord. Gestão	Miguel Athayde Marques	Ana Rijo da Silva	José Corrêa Guedes
Coord. Porto	Manuel de Oliveira Marques*	Alberto de Castro	Alberto de Castro
Coord. EPG	–	–	Fernando Nascimento
*substituído por	Alberto de Castro (29/1/1991)	Fernando Pacheco (2/6/1993)	

	5 de dezembro de 1996	14 de março de 2001	18 de março de 2004
Diretor	João Borges de Assunção	Fernando Branco	
Diretor Adjunto	Miguel Gouveia	–	–
Dir. licenciaturas	–	–	Fernando Machado
Coord. Economia	Fernando Machado*	Fátima Barros	–
Coord. Gestão	José Corrêa Guedes	Ilídio Barreto	–
C.adj Gestão (9.04.97)	Cristina Neto de Carvalho	–	–
Diretor do MBA	–	–	Guilherme Almeida Brito
Coord. UNICEE	–	–	Isabel Horta Correia
Dir. Form. Executivos	–	–	Luís Cardoso
Dir. -Adjunto (Porto)	Alberto de Castro	–	
Acred. internacional	–	–	José Corrêa Guedes
* substituído por	Leonor Modesto (13/5/1998)	–	–

	23 de setembro de 2004	6 de dezembro de 2007	27 de janeiro de 2011
Diretor	Fátima Barros		
Diretor-adjunto	Fernando Machado (8/5/2005)		–
Progr. pré-experience	–	Manuel Monteiro	–
Licenciaturas	Fernando Machado*	Ana Canhoto	Ana Canhoto
Prog. post-experience	–	Guilherme Almeida e Brito+	José Corrêa Guedes+
MBA	Guilherme Almeida e Brito	–	–
Mest. Economia	Leonor Modesto	Catarina Reis	Teresa Lloyd Braga
Mestrado de Gestão	–	Fernando Machado+	Guilherme Almeida e Brito+
Executivos	Luís Cardoso	Luís Cardoso	Luís Cardoso
Dean for Faculty	–	José Corrêa Guedes+	Francisco Veloso
Investigação	–	Leonor Modesto	Leonor Modesto
Acreditação	Jose Corrêa Guedes	José Corrêa Guedes*	Manuel Leite Monteiro
Rel. Internacionais	–	Manuel Monteiro	Manuel Leite Monteiro
Orçamento	–	Manuel Monteiro	Luís Janeiro
Representação exter.	–	Guilherme Almeida e Brito	Guilherme Almeida e Brito
*substituído por	Ana Canhoto (8/5/2005)	Manuel Monteiro (22/9/2009)	
+ Diretor-adjunto			

	10 de maio de 2012	31 de março de 2014	16 de julho de 2015
Diretor	Francisco Veloso		
Diretor-adjunto	–	Guilherme Almeida e Brito	Guilherme Almeida e Brito
Prog.com grau	–	–	Fernando Machado
Progr. pré-experience	Guilherme Almeida e Brito	Fernando Machado	–
Licenciaturas	Ana Canhoto	Ana Canhoto	Ana Canhoto
Progr. post-experience	José Corrêa Guedes	Guilherme Almeida e Brito	
Mestrado Economia	Teresa Lloyd Braga	Teresa Lloyd Braga	Teresa Lloyd Braga
Mestrado Gestão	–	–	David Patient
Executivos	Luís Cardoso	Luís Cardoso	Luís Cardoso
Dean for Faculty	Fernando Branco	Fernando Branco	Pedro Oliveira
Investigação	Maria Leonor Modesto	Pedro Oliveira	Pedro Oliveira
Acreditação	Manuel Monteiro	Miguel Gouveia	–
Rel. internacionais	Ricardo Reis	Ricardo Reis	Ricardo Reis

Novas iniciativas	Fernando Machado	–	–
Projetos especiais	Manuel Monteiro	–	–
CEA	Leonor Modesto	Leonor Modesto	Leonor Modesto

Quadro I.2. Direção do Centro de Estudos Aplicados

	Diretor	Diretor-adjunto
1977	Alfredo de Sousa	–
3-Nov81	António de Sousa (15/72G).	–
23-Jun83	Fernando Adão da Fonseca	António de Sousa (15/72G).
11-Jun84	Mário Pinto	–
Nov-92	José Manuel Amado da Silva	
Set-1997	João Borges de Assunção (32/79G)	Fernando Branco (39/80E).
24-Jun02	Fernando Machado (41/78E e 218/78G)	–
29-Mar05	João Confraria e Silva (710/77E)	–
8-Abr08	Leonor Modesto (331/75E)	–

Quadro I.3. Número de colaboradores não docentes

2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
29	33	40	48	48	46	54	59	62

Anexo II – Corpo docente

Quadro II.1. Número de professores da escola (*core faculty*) por categoria e nacionalidade⁸

	1993	1998	2004	2009	2013	2016
Professores catedráticos	1	1	3	4	8	9
Professores associados	1	7	7	10	8	8
Professores auxiliares	17	16	16	26	30	26
<i>Professores estrangeiros</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>1</i>	<i>10</i>	<i>10</i>	<i>14</i>
<i>Nacionalidades</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>1</i>	<i>9</i>	<i>9</i>	<i>10</i>
Encarregados de curso	3	3	8	8	6	10
Assistentes	12	9	0	1	2	3
Total	34	36	34	49	54	56

⁸ O número de nacionalidades não inclui a portuguesa e os professores estrangeiros referidos da quarta linha estão incluídos nas três primeiras.

Quadro II.2. Agregações realizadas na Faculdade

António de Sousa (15/72G), 28 e 29 de novembro de 1991
João Luís César das Neves (467/76E), 2 e 4 de fevereiro de 1994
Fernando Martins Vicente Nascimento (294/75E), 21 e 22 de abril de 1997
José Filipe Garcia Corrêa Guedes (496/76E), 26 e 27 de setembro de 2000
Maria Isabel S. Horta Correia Rio de Carvalho (258/75E), 28 e 29 de maio de 2001
Maria Leonor Martins Ribeiro Modesto (331/75E), 12 e 13 de julho de 2004
Fernando Manuel Ribeiro Branco (39/80E), 17 e 18 de fevereiro de 2005
Francisco Miguel Rogado Salvador Pinheiro Veloso, 25 e 26 de maio de 2010
Pedro Miguel Pinho Teles (131/80E), 7 e 8 de junho de 2010
Rui André Pinto de Albuquerque (68/86E), 7 e 8 de julho de 2011
Teresa Teixeira Vasconcelos Lloyd Braga (600/76E), 14 e 15 de julho de 2011
Fernando Alcides Sobral Machado (41/78E e 218/78G), 21 e 22 de maio de 2012
Ilídio Teotónio Barreto (49/79E), 17 e 18 de dezembro de 2015

Quadro II.3. Concursos para Professores Associados

A1: Edital 30/6/1997; Reunião do júri 23 /3/1998; João Borges de Assunção (32/79G), Fernando Ribeiro Branco (39/80E), José Filipe Corrêa Guedes (496/76E), Maria Leonor Ribeiro Modesto (331/75E), João César das Neves (467/76E) e Maria Isabel Horta Correia (258/75E), providos a 17/4/1998
A2: Edital 3/6/1998; Reunião do júri 26/4/1999; Maria de Fátima Barros (171/80E) e Miguel Gouveia (123/79E), providos a 11 de maio de 1999
A3: Edital 15/6/2000; Reunião do júri 21/1/2002; Fernando Machado (41/78E e 218/78G), provido a 29/1/2002
A4: Edital 8/8/2002; Reunião do júri 26/10/2004; Teresa Lloyd Braga (600/76E) e Pedro Teles (131/80E) providos a 26/11/2004
A5: Edital 7/11/2007; Reunião do júri 16/5/2008; Nuno Fernandes (81/91E) provido a 10/6/2008
A6: Edital 28/6/2011; Reunião do júri 6/7/2012; Ilídio Barreto (49/79E) e Pedro Oliveira providos a 25 de julho de 2012
A7: Edital 21/6/2013; Reunião do júri 11/9/2013; Céline Abecassis-Moedas provida a 11/10/2013
A8: Edital 5/2/2014; Reunião do júri 25/3/2014; David Patient provido a 27/5/2014

Anexo III – Corpo discente

Quadro III.1. Alunos licenciados em Economia e Gestão na FCH e FCEE

	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1984/85	1985/86
Economia	21	9	5	38	41	60	98	94	66	46
Gestão	32	20	26	35	77	81	80	69	65	67
	1986/87	1987/88	1988/89	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93	1993/94	1994/95	1995/96
Economia	89	86	78	80	82	69	71	105	99	99
Gestão	94	95	112	126	110	120	135	148	165	195
	1996/97	1997/98	1998/99	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
Economia	124	86	75	92	87	72	51	37	35	44
Gestão	182	200	181	153	121	99	94	112	109	102
	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	
Economia	51	25	31	25	40	48	26	41	49	
Gestão	151	116	120	139	185	164	142	132	175	

Quadro III.2. Alunos inscritos no 1.º ano das licenciaturas da FCEE

	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93	1993/94	1994/95	1995/96	1996/97	1997/98	1998/99
Economia	220	175	143	121	112	107	145	159	127	132
Gestão	289	241	226	227	214	218	195	215	228	200
	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
Economia	95	70	64	71	60	45	55	63	62	52
Gestão	199	162	172	152	149	161	152	166	231	167
	2009/10	2010	2011	2012	2013	2014	2015			
Economia	58	54	78	92	80	76	60			
Gestão	167	173	198	267	252	199	180			

Quadro III.3. Alunos inscritos no 1.º ano das licenciaturas internacionais

	2014/2015	2015/16
International Undergraduate Program in Management	26	45
International Undergraduate Program in Economics	8	16
dos quais alunos estrangeiros	1	7

Quadro III.4. Número de candidatos e admitidos no MBA

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Candidatos	245	142	140	138	162	173	180	125	131
Admitidos	139	110	111	98	79	92	91	78	77
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Candidatos	128	179	180	155	108	123	105	93	91
Admitidos	87	100	101	96	74	66	71	74	60
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	
Candi. PT	63	102	74	83	53	65	52	-	
Admit PT	43	57	50	58	38	45	34	-	
Candid FT	57	67	66	102	82	67	73	90	
Admit FT	32	32	32	34	40	34	34	45	

Quadro III.5. Alunos (A) e graduados (G) nos Masters of Science de Management (M), Economics (E) e Finance (F)

		2004/05	2005/06	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16
M	A	-	-	126	159	147	185	171	182	204	298	249
	G	-	-	6	56	135	150	162	149	142	197	-
E	A	9	9	19	10	18	17	15	16	16	16	24
	G	6	3	-	8	13	13	18	14	8	9	
F	A	-	-	-	-	-	-	22	32	40	67	55
	G	-	-	-	-	-	-	1	13	21	31	

Quadro III.6. Alunos inscritos no 1.º ano do Mestrado em Direito e Gestão

2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16
26	27	26	26	31	26	27	34	38

Quadro III.7. Candidatos, admitidos e finalistas das edições do MIF

	MIF 1	MIF 2	MIF 3	MIF 4	MIF 5	MIF 6	MIF 7	MIF 8	MIF 9	MIF 10
	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16
Candidatos	30	24	41	43	62	54	37	31	25	36
Admitidos	19	22	25	26	35	37	27	22	23	30
Finalistas	16	22	24	21	27	34	24	11	12	-

Quadro III.8. Participantes nos mestrados executivos

N.º parti- cipantes	Executive Master in Management and Banking	BAI Executive Master in Management and Leadership	Leadership Development	Strategic Marketing	Mestrado em Gestão Aplicada	Total
2008	29	-	-	-	-	82
2009	-	-	-	-	-	83
2010	67	-	-	-	-	134
2011	-	-	-	-	-	108
2012	77	27	-	-	-	181
2013	-	27	24	18	-	152
2014	79	-	70	47	15	248

Quadro III.9. Doutoramentos realizados na Faculdade

8 e 10 de maio de 1982, Ernâni Rodrigues Lopes, com a tese “Estruturas bancárias e desenvolvimento económico. Fatores de enquadramento internacional”

16 e 17 de julho de 1987, Aníbal Durães dos Santos, com a tese “Modelos de Comportamento de Empresas Públicas em estruturas de monopólio e oligopólio”

17 de fevereiro 1989, João César das Neves (467/76E), com a tese “Da Validade científica do conceito de equilíbrio de pobreza”

17 e 18 de julho de 1989, José Manuel Amado da Silva, com a tese “Excesso de capacidade: doença, normalidade ou ameaça?”

4 de fevereiro 1991, João Confraria e Silva (710/77E), com a tese “Contribuições para o estudo da estrutura dos mercados industriais em Portugal. Uma análise do condicionamento das indústrias”

13 de janeiro 1993, Maria Isabel Horta Correia (258/75E), com a tese “Crescimento económico em economias abertas”

3 de janeiro 1996, Teresa Lloyd Braga (600/76E), com a tese “Endogenous fluctuations and the cyclical behaviour of real wagers under Cournot competition”

8 de novembro 1999, Ana Canhoto Ribeiro da Costa (121/73E), com a tese “Efficiency and Competition in Portuguese banking: an empirical investigation”

6 de dezembro 2004, Maria Cristina Neto de Carvalho (541/76E), com a tese “Credit Risk and Loan-loss provisioning: na empirical study”

Quadro III.10. Candidatos, admitidos e finalistas no Doctoral Program

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Candidatos	18	20	24	18	19	15	0	17	15	16
Admitidos	7	6	9	3	3	1	0	1	0	1
Inscritos	6	5	4	3	2	1	0	1	0	1
Estrangeiros	1	2	3	3	1	2	2	3	2	3
Graduados	0	0	0	0	1	2	1	2	2	1

Quadro III.11. Programas e participantes em programas de executivos

		1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Inscrição Aberta	Programas	1	2	4	6	11	13	19	20
	Participantes	25	50	80	150	280	320	348	352
Intraempresa e internacionais	Programas	1	2	2	5	6	7	18	24
	Participantes	25	50	50	130	140	180	332	505
		2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Inscrição Aberta	Programas	19	28	31	27	33	39	34	30
	Participantes	408	558	696	704	790	907	683	750
Intraempresa e internacionais	Programas	41	47	38	37	28	38	51	52
	Participantes	661	785	727	914	761	933	1175	1322
		2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	
Inscrição Aberta	Programas	38	35	35	33	30	29	29	
	Participantes	949	790	821	796	722	720	696	
Intraempresa e internacionais	Programas	68	70	71	73	84	97	87	
	Participantes	1555	3077	2112	2126	3301	2953	2478	

Quadro III.12. Número de candidatos e estudantes nos Masters of Science

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Total de candidatos	163	273	261	394	415	554	709	909	946
Candidatos internacionais	9	21	37	49	118	136	208	363	408
Estudantes internacionais	5	13	26	25	47	53	69	106	119
Número de nacionalidades	4	7	12	16	22	21	-	-	-
% de estudantes internacionais	3	8	16	12	23	23	24	33	37

Quadro III.13. Movimento internacional de estudantes nas licenciaturas

	2004-05	2005-06	2006-07	2007-08	2008-09	2009-10
Número de Alunos saídos	66	77	62	109	130	181
Número de Alunos entrados	22	31	63	99	121	179
	2010-11	2011-12	2012-13	2013-14	2014-15	2015-16
Número de Alunos saídos	197	206	176	223	226	293
Número de Alunos entrados	208	228	225	281	336	346

Quadro III.14. Presidentes da Associação de Estudantes

2000/01	Frederico Teles Gomes	2009/10	Tomás Fidélis Nogueira (150208014)
2001/02	Nuno Sousa Pinto	2010/11	Inês Rocheta Cassiano (150108045)
2002/03	Paulo Aleluia (150198502)	2011/12	Válter Nóbrega Nunes (150109072)
2003/04	Rui Bico de Matos (150200026)	2012/13	Isabel Mesquita (150111231)
2004/05	Jorge Rabaça (150200039)	2013/14	Manuel Ken Gamito (150110056)
2005/06	Pedro Moreira (150100041)	2014/15	Luís Gomes Ferreira (150113023)
2006/07	Ana Rita Santos (150103049)	2015/16	Camila Botelho (150113176)
2007/08	Aurélio Martins (150103039)	2016/17	Vasco Madeira Sousa (150114158)
2008/09	Jorge Sucena (150106155)		

Quadro III.15. Presidentes da Associação de Antigos Alunos

1978	João Vala (40/72G)
1991	Alexandre Relvas (371/76G)
1992	Luís Palha (528/76G)
1993	Filipe de Botton (429/76G)
2001	Ana Beirão (8/78G)
2004	Francisco Calheiros (439/76G)
2013	Miguel Athayde Marques (108/72G)

Quadro III.16. Galardoados pelo prémio carreira

2006: Isabel Jonet (804/77E) “pelo seu trabalho à frente do Banco Alimentar Contra a Fome”;
2007: Sérgio Rebelo (598/76E), professor de Finanças na Kellogg School of Management nos EUA, “pela sua brilhante carreira académica”;
2008: António Horta Osório (8/81G), CEO do Lloyds Bank, “pela sua extraordinária carreira internacional no setor financeiro”;
2009: Carlos Melo Ribeiro (24/72G) “pelo seu trabalho como Administrador-Delegado da Siemens Portugal”;
2010: António Viana Batista (286/75E) “pela sua distinta carreira internacional na área de Telecomunicações”;
2011: Alexandre Relvas (371/76G) e Filipe de Botton (429/76G) “pelo seu percurso como gestores e empreendedores na coliderança da Logoplaste”;
2012: Miguel Villas-Boas (68/79E) “reconhecido internacionalmente como líder nas áreas de Economia e Marketing”;
2013: Luís Palha (528/76G) “pela brilhante e diversificada carreira profissional”;
2014: Joaquim Goes (32/83G) “pela sua excecional carreira profissional na área de Gestão”;
2016: Luís Amaral (64/79G) “pelo seu percurso como empreendedor internacional”.

Anexo IV – Investigação na Faculdade

Quadro IV.1. Posição da FCEE nos *rankings* do *Financial Times*

Executive education world rankings	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Programas Intra Empresa	52	47	38	43	45	48	54	61	51
Programas de Incrição Aberta	46	44	50	52	54	51	42	40	38
Rank Combinado	42	39	37	43	46	46	43	45	38
MSc Business Administration rank.	-	-	-	-	65	64	52	49	59
Executive MBA European rankings	-	-	-	-	39	47	44	50	48
European Business School ranking	-	47	58	62	33	32	25	25	26

Quadro IV.2. Artigos publicados em revistas internacionais com *referee*

1988	1989	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
1	1	3	2	2	11	12	7	4	5	6	2	8
2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
12	7	5	9	6	19	14	23	20	26	21	18	26

Quadro IV.3. Conferências científicas realizadas na Faculdade

-
- 1983 – *Economic and social partnership and incomes policy*. Pacto social e política de rendimentos, 15 e 16 de março.
- 1986 – *Real Business Cycles* (coorganizada com a Graduate School of Management da Universidade de Rochester), 16 a 18 de junho.
- 1990 – *17th Conference of the European Association for Research in Industrial Economics* (EARIE), setembro.
- 1990 – *1st Summer School of the European Economic Association* com o tema “Unemployment in Open Economies”, setembro.
- 2002 – *XIIIth Summer School of the European Economic Association* com o tema “Endogenous Fluctuations”, setembro.
- 2005 – *Intertemporal Equilibria, Aggregation and Sunspots: in honour of Jean-Michel Grandmont*, 30-31 de outubro.
- 2005 – 1st Bridging Operations and Marketing Conference: New Product Development, 18-19 de dezembro.
- 2006 – *Annual Meeting da ASSET-Southern European Association for Economic Theory*, 2-4 de novembro.
- 2007 – *ICT, Transparency and Social Responsibility Conference* (coorganizada com a Carnegie Mellon University), 7 a 9 de novembro.
- 2009 – *Workshop: Frontiers in Entrepreneurship research: The interplay of the entrepreneur and the firm over their life cycles* (coorganizado com a Carnegie Mellon University). 9-10 de janeiro.
- 2009 – *Network Ethics: the new challenge in business, ICT and education* (coorganizada com a Carnegie Mellon University e a University of Northern Iowa), 23 a 25 de junho.
- 2010 – *17th International Annual EurOMA Conference Managing Operations in Service Economies* (realizada na Católica Porto Business School e coorganizada com a FCEE), 6-9 de junho.
- 2010 – *Workshop: Frontiers in Entrepreneurship research: Entrepreneurship, Innovation and Human Capital* (coorganizado com a Carnegie Mellon University), 17-18 de dezembro.
- 2012 – *1st Accounting Conference at CATÓLICA-LISBON*, abril.
- 2013 – *PET – Public Economic Theory Conference da Association for Public Economic Theory*, 5-7 julho.
- 2014 – 7th FACE Conference, 15-16 dezembro.
- 2015 – Conferência internacional “Futuro de Portugal” em memória do Professor António Borges (coorganizada com a Alumni Association), 5 de março.
- 2015 – *2015 Accounting Conference – CATÓLICA|NOVA*, 22 de maio.
- 2015 – 2015 SEI Faculty Workshop, 15 maio.
- 2015** – *International Conference on Macrodynamics – Financial and real interdependencies: volatility, inequalities and economic policies*, 28-30 de maio.
- 2015 – *Annual Open and User Innovation Conference*, 13-15 julho.
-